

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**SILVANI ALVES DOS ANJOS**

**O CUIDADO DE SI E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA UMA DOCÊNCIA AMOROSA**

**UBERLÂNDIA**

**2023**

SILVANI ALVES DOS ANJOS

**O CUIDADO DE SI E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA UMA DOCÊNCIA AMOROSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Franco Carvalho.

UBERLÂNDIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

A599c Anjos, Silvani Alves dos, 1974-  
2023 O cuidado de si e sua contribuição para uma docência amorosa  
[recurso eletrônico] / Silvani Alves dos Anjos. - 2023.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7054>

Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Carvalho, Daniela Franco, (Orient.). II. Universidade  
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.  
Título.

CDU: 37

---

Glória Aparecida  
Bibliotecária Documentalista - CRB-6/2047



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 16/2023/838, PPGED				
Data:	Dez de abril de dois mil e vinte e três	Hora de início:	14:48h	Hora de encerramento:	17:04
Matrícula do Discente:	12112EDU042				
Nome do Discente:	SILVANI ALVES DOS ANJOS				
Título do Trabalho:	"O cuidado de si e sua contribuição para uma docência amorosa"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Amplia: conexões arte-ciência no museu e na escola"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/daniela-franco-carvalho>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Rita Tatiana Cardoso Erbs - UFCAT; Sandro Rogério Vargas Ustra - UFU e Daniela Franco Carvalho - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Daniela Franco Carvalho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



---

Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/04/2023, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

---



Documento assinado eletronicamente por **Rita Tatiana Cardoso Erbs, Usuário Externo**, em 11/04/2023, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

---



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Rogerio Vargas Ustra, Professor(a) do Magistério Superior**, em 11/04/2023, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4405824** e o código CRC **B65DEE95**.

---

*Dedico esse trabalho aos meus amados pais  
(in memoriam) por me ensinarem com tanta simplicidade  
sobre o viver com amor. Por serem mensageiros do amor  
de Deus e minha inspiração na fé, na persistência e na  
paciência. Obrigada pelo amor recebido!*

## GRATIDÃO

Foram muitas as dificuldades na realização deste trabalho, porém, as bênçãos que recebi de Deus e das pessoas que se dispuseram a me ajudar ao longo desta caminhada fizeram-se maiores.

Primeiramente agradeço a Deus, meu Mestre, amigo, amparo e guia em todos os instantes da minha vida e em especial na realização do sonho do mestrado.

Ao meu esposo Paulo Roberto, por todo apoio, amor e carinho. Pelo companheirismo e incentivo nos momentos de desânimo. Por acreditar no meu potencial e pelas orações em minha intenção.

À Patrícia, minha cunhada e irmã de coração, por ser a portadora da notícia da abertura do edital para o mestrado e pelo incentivo.

À minha amiga Juliana, pelo apoio incondicional nos primeiros passos da minha escrita e na leitura do meu texto para inscrição no curso de Mestrado e ao longo da minha trajetória.

À Daniela, minha admirável, especial e querida orientadora, pela orientação competente e extremamente cuidadosa. Seu carinho, apoio, confiança e generosidade foram fundamentais para o meu crescimento. Obrigada por ser luz e calma nos momentos de ansiedade e dificuldade. Em você encontrei inspiração para ser uma professora amorosa.

Aos professores da banca de qualificação Dr. Sandro Rogério Vargas Ustra e a Dra. Rita Tatiana Cardoso Erbs pela leitura generosa do meu texto e pelos apontamentos que muito contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos professores que passaram pelo curso, pela acolhida generosa e por compartilharem seus conhecimentos.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

*“O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.”*

(FOUCAULT, 2006, p. 11)



## RESUMO

Vivemos em uma sociedade na qual as fragilidades dos vínculos humanos se fazem cada vez mais presentes, em uma cultura consumista e individualista, onde nossos esforços estão centrados na busca por satisfação imediata, e nesse cenário empreender as ações do cuidado de si requer um resgate de um modo de viver que valoriza a vida. Nesse contexto, percebi a possibilidade de repensar a docência e questionar o que em mim, me impulsionava a continuar adotando uma prática docente amorosa, a não desistir de quem sou e do que me move. Numa proposta de pesquisa narrativa autobiográfica sobre minha prática pedagógica, este estudo apresenta uma reflexão acerca de como o cuidado de si pode contribuir para uma docência amorosa. As inquietações do meu vivido possibilitaram-me um movimento pelo campo do cuidado de si e do amor na experiência comigo mesma e com meus alunos dialogando com Foucault, bell hooks, Bauman e Boff. O Cuidado de si (*epimeléia heautoû*) precisa ser entendido como um modo de vida que conduz à formação do sujeito por ele mesmo, conhecendo-se, cuidando-se e vendo o amor como um atributo de transformação da sociedade. A partir das narrativas de situações de sala de aula concluí que o sujeito ao despertar-se para o cuidado de si, é movido a olhar para seu interior e conceber que está imerso nas relações que estabelece consigo mesmo e com os outros e, a partir daí, pode se modificar. Nesse pensar me vi ocupando uma posição significativa na vida do aluno e a escola se tornando um espaço propício para, a partir do cuidado de si, construir e fortalecer os laços amorosos na docência.

**Palavras-chave:** Cuidado de si. Docência amorosa. Pesquisa narrativa.

## ABSTRACT

We live in a society in which the weaknesses of human bonds are increasingly present, in a consumerist and individualistic culture, where our efforts are centered on the search for immediate satisfaction, and in this scenario, undertaking self-care actions requires a rescue of a way of life that values life. In this context, I realized the possibility of rethinking teaching and questioning what in me drove me to continue adopting a loving teaching practice, not to give up on who I am and what drives me. In an autobiographical narrative research proposal about my pedagogical practice, this study presents a reflection on how self-care can contribute to loving teaching. The concerns of my experience allowed me to move through the field of self-care and love in the experience with myself and with my students, dialoguing with Foucault, bell hooks, Bauman and Boff. Care of the self (*epimeléia heautoû*) needs to be understood as a way of life that leads to the formation of the subject by himself, knowing himself, taking care of himself and seeing love as an attribute of transformation of society. From the narratives of classroom situations, I concluded that the subject, when awakening to "self-care", is moved to look inside and conceive that he is immersed in the relationships he establishes with himself and with others and, from there, you can change. In this way of thinking, I saw myself occupying a significant position in the student's life and the school becoming a propitious space for, based on self-care, building and strengthening loving bonds in teaching.

**Keywords:** Self-care. Loving teaching. Narrative research.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 .....	12
Figura 2 .....	20
Figura 3 .....	21
Figura 4 .....	23
Figura 5 .....	24
Figura 6 .....	27
Figura 7 .....	28
Figura 8 .....	30
Figura 9 .....	31
Figura 10 .....	31
Figura 11 .....	37
Figura 12 .....	38
Figura 13 .....	38
Figura 14 .....	48

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>SOBRE O DIZER DO MEU VIVIDO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIAS DE MIM .....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>MÁQUINA DO TEMPO: REVIVER, NARRAR E CONSTRUIR-SE NO PESQUISAR.....</b>	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>DELINEANDO ENCONTROS DE COMPREENSÃO DO CUIDADO DE SI...50</b>	
<b>4.1</b>	<b>Narrativa I: Amor, uma construção cotidiana .....</b>	<b>50</b>
<b>4.2</b>	<b>Narrativa II: Entrelaçando o cuidado de si e o amor.....</b>	<b>53</b>
<b>5</b>	<b>O CUIDADO DE SI COMO GUIA PARA O AMOR .....</b>	<b>58</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>

## 1 SOBRE O DIZER DO MEU VIVIDO

Figura 1<sup>1</sup>



Fonte: Autoria própria.

Começo esta escrita relatando minhas dificuldades em escrever, principalmente um texto que trata das minhas vivências e minhas marcas, destarte, o sujeito/pesquisador sou eu mesma, Silvani Alves dos Anjos, com 46 anos no início

---

<sup>1</sup> As fotos utilizadas no texto são de minha autoria e também fotos de família. Elas compõem as imagens da pesquisa narrativa. Um dos pontos importantes da pesquisa narrativa é a criação dos “textos de campo” como registro e sua notável variedade como “histórias de professores, escrita autobiográfica, escrita de diários, notas de campo, cartas, entrevistas, experiência de vida, documentos, fotos, conversas, e outros” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 134).

deste Curso de Mestrado, professora de Ciências no ensino fundamental de uma escola da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Contudo, acredito que esse exercício seja uma forma de buscar, em e através de mim, respostas para muitos questionamentos sobre a vida, Educação, autoconhecimento, aprendizagem e transformação em meio ao vivido e narrado. Então... vamos lá!

Minha escrita discorre pelo campo da pesquisa narrativa, pois ao revisitar minha história de vida em um retorno atento e cuidadoso, veio à memória muito do que vivi: alegrias, tristezas, dificuldade, vitórias, afetos, encontros, desencontros e aprendizados, viabilizando uma reflexão acerca de minha experiência de vida e sua relação com a docência. Nessa perspectiva, “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 18).

As experiências são as histórias vividas e compreendem um termo central para a pesquisa narrativa, que “é um caminho, acreditamos que o melhor, para pensar sobre a experiência”, assim “Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 49-119). Para o pensador na área de Educação, John Dewey, citado por Clandinin e Connelly (2015),

[...] a experiência é pessoal e social, tanto o pessoal quanto o social estão sempre presentes. As pessoas são indivíduos e precisam ser entendidos como tal, mas eles não podem ser entendidos somente como indivíduos. Eles estão sempre em interação, sempre em um contexto social. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 30)

A experiência se desenvolve a partir de outras experiências e essas experiências levam a outras experiências. Destarte, Dewey entende que um critério da experiência é a continuidade. Há sempre uma história envolvida, que está sempre mudando. “Aprendemos a nos mover para trás e para frente, entre o pessoal e o social, pensando sobre o passado, o presente e o futuro, e assim agir em todos os *milieus sociais em expansão*” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 31). Esse conjunto de termos (interação, situação e continuidade) forma um espaço tridimensional, e partindo da noção de interação são definidas as quatro direções de qualquer investigação: introspectiva, extrospectiva, retrospectiva, prospectiva.

Por introspectiva, queremos dizer em direção às condições internas, tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e dispositivos morais. Por extrospectiva, referimo-nos às condições existenciais, isto é, o meio ambiente. Por retrospectiva e prospectiva referimo-nos à temporalidade – passado, presente e futuro. Escrevemos que experienciar uma experiência - isto é, pesquisar sobre uma experiência – é experimentá-la simultaneamente nessas quatro direções, fazendo perguntas que apontem para cada um desses caminhos. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 85)

No cenário educacional percebemos que a pesquisa narrativa é uma oportunidade de reflexão, pois a vida é feita de fragmentos narrativos e nestes a Educação se faz presente. “As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 27). Nesse pensar há uma correspondência entre Educação, experiência e vida.

Compreendemos a Educação pensando na vida, que pode ser estudada e configurada nos textos de pesquisa possibilitando o ensino e aprendizagem, pois “educadores estão interessados na aprendizagem e no ensino e no como esse processo ocorre; eles estão interessados em saber lidar com as vidas diferentes, os valores diferentes, as atitudes diferentes, as crenças” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 27). A pesquisa narrativa compõe com a vida das pessoas, como elas são vividas e o que elas trazem em si, fatos que merecem ser observados, pensados e narrados, considerando que ensino e aprendizagem acontecem em todo tempo e lugar.

O pesquisador tendo como objeto de pesquisa a narrativa de sua própria experiência de vida se depara com as tensões da fronteira formalista. “Os formalistas começam a pesquisa pela teoria, enquanto os pesquisadores narrativos tendem a começar com a experiência assim expressa em histórias vividas e contadas” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 73). Dessa forma “o pesquisador narrativo não prescreve usos e aplicações gerais, mas cria textos que, quando bem escritos, oferecem ao leitor um lugar para imaginar os seus próprios usos e aplicações” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 75-76). Nesse viés a construção do texto de pesquisa centraliza pessoas, lugares e coisas, que estão em constante processo de transformação.

No espaço tridimensional os pesquisadores narrativos confrontam com seu passado, presente e futuro criando novos e possíveis itinerários para o porvir. “Trabalhar nesse espaço significa que nos tornamos visíveis com nossas próprias

histórias vividas e contadas” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 98). E esse movimento pode suscitar mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros.

Enquanto trabalhamos no espaço tridimensional da pesquisa narrativa, aprendemos a olhar para nós mesmos como sempre no entremeio – localizado em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, do espaço, do pessoal e do social. Mas nos encontramos no entremeio também em outro sentido, isto é, encontramos-nos no meio de um conjunto de histórias - as nossas e as de outras pessoas. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 99)

Os limites de uma pesquisa narrativa se expandem e se contraem e são permeáveis interativamente, pois “as vidas - pessoais, privadas e profissionais - dos pesquisadores têm fluxos através dos limites de um local de pesquisa” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 159).

A dinâmica desse texto foi inspirada na escrita autobiográfica na qual pesquisado e pesquisador se unem em um só, razão pela qual, dada a particularidade de seu modo de produção revela uma maneira de escrever sobre o contexto de uma vida, pode ser uma história sobre um breve instante, uma viagem, um episódio em sala de aula. Uma escrita de um eu em processo de descobertas e reconstrução. “Pesquisadores narrativos são sempre fortemente autobiográficos. Nossos interesses de pesquisa provêm de nossas próprias histórias e dão forma ao nosso enredo de investigação narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 165). Discorrendo sobre a narrativa autobiográfica/experiência de vida é importante destacar o sentido da *pesquisaformação*.

A noção de *pesquisaformação* como modo de viver, pesquisar, narrar e formar que emerge na interface entre as pesquisas narrativas (auto)biográficas em educação, as pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares e as concepções-ações de formação humana que se fazem. [...] Construindo caminhos nos aventuramos vivendo, pesquisando, narrando, formando e sendo formados. (BRAGANÇA; PRADO; ARAÚJO, 2021, p. 2).

Complementando esse raciocínio a *pesquisaformação* nos permite um deslocamento cuja centralidade está na experiência vivida, que, no exercício da narrativa é compartilhada com outros, e que “vai se transformando em um permanente vir a ser, assumindo o risco de *trans-form-ação*, juntamente com os conhecimentos e os movimentos da pesquisa” (BRAGANÇA; PRADO; ARAÚJO, 2021, p. 6-7).



A autobiografia é uma reconstrução particular da narrativa de um determinado sujeito, compondo assim, uma variedade de “textos de campo” com possibilidades autobiográficas que podem ser usados de diversas formas. “Existe uma linha muito sutil entre a escrita autobiográfica utilizada como textos de campo e a escrita autobiográfica utilizada como textos de pesquisa” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 114).

Há várias inquietações durante o processo de escrita e também na transcrição dos “textos de campo” para os textos de pesquisa, mas, o ponto de partida é atentar para as vidas enquanto vividas de forma narrativa no espaço tridimensional - interação, situação e continuidade - entendendo e percebendo a ligação da pesquisa narrativa como um processo de aprendizagem.

É nesse contexto de aprendizagem, que vejo a possibilidade de repensar a docência e questionar o que em mim, me impulsiona a continuar adotando uma prática docente amorosa, a não desistir de quem sou e do que me move na vida. Nunca pensei que poderia me tornar uma pesquisadora, tendo como ponto de partida minha conduta amorosa na vida, pela qual se movimenta também o meu ser professora.

Sei que pode parecer demasiada ousadia uma abordagem amorosa, mas acredito ser, na atualidade, um grande desafio do ofício de ensinar, diante de tantas adversidades vivenciadas em sala de aula, a construção de relações a partir do cuidado de si e do amor. Procuro entender, por meio das minhas vivências, que só é possível uma conduta amorosa com os outros sendo amorosa consigo mesmo e, para isso, é preciso que o cuidado esteja voltado primeiro para si e depois para o próximo.

Ao olhar para a docência, vislumbro uma professora que se preocupa em cuidar de si para ter condições de cuidar dos outros, dos alunos, e instruí-los a cuidarem de si mesmos. Essa consciência emergiu a partir de ponderações acerca das práticas pedagógicas que adotei e vivenciei, das relações construídas ao longo da vida e, principalmente das leituras e diálogos realizados no início do Mestrado. Nessa vereda, minhas reflexões giram em torno de uma narrativa inquieta do meu vivido onde questiono se o cuidado de si contribui para uma docência amorosa.

## 2 MEMÓRIAS DE MIM

Nasci em Coromandel/MG, aos nove de agosto de 1974, onde fui criada e sempre vivi. Coromandel é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, localizado na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e na Microrregião de Patrocínio. Possui uma extensão territorial de 3.296,27 Km<sup>2</sup> e cerca de 27mil habitantes<sup>2</sup>. Tem como limites: ao norte, o estado de Goiás e o município de Guarda-Mor. Ao leste, os municípios de Vazante, Lagamar, Patos de Minas e Guimarães. A oeste, os municípios de Abadia dos Dourados e Monte Carmelo. Ao sul, o município de Patrocínio. Fica a 507 km de Belo Horizonte. Tem como forte as indústrias de calcário e laticínios, além da extração de diamantes.

Meus pais embora com pouco estudo, sempre nos educaram, a mim e meu irmão com valores morais e na religião católica. Cresci ouvindo-os sobre a importância e o valor da educação na vida das pessoas. Sempre nos incentivaram a estudar, exigindo de nós dedicação e responsabilidade nos compromissos assumidos.

Criaram meu irmão e eu com muito amor, mas também com muito apego. Lembro-me de um fato marcante que ilustra essa afeição. Minha tia começou como funcionária de uma creche próxima de nossa casa e diante de sua insistência, meus pais colocaram meu irmão de quatro anos de idade nessa instituição.

No primeiro dia, fomos os três e o deixamos lá. Na volta para casa, minha mãe chorou o tempo todo e o restante do dia. À tarde, meus pais já tinham decidido não seguir adiante com essa ideia, porque não conseguiam ficar longe dele. No entanto, quando começamos na escola esse comportamento de proteção excessiva foi dando lugar à confiança e ao entendimento sobre a responsabilidade de nos preparar para caminhar sem eles.

Minha paixão pela escola começou aos seis anos de idade no pré-escolar. Fiquei encantada com a professora logo no primeiro dia. Ela era alta, tinha os cabelos longos, as unhas pintadas de vermelho, batom colorido, de fala tranquila e muito carinhosa! No fundo da sala tinha uma estante com muitos brinquedos: a alegria do recreio. Sempre me oferecia para ajudá-la a guardá-los, o que a deixava feliz e constantemente retribuía com um abraço aconchegante. Isso me trazia muita

---

<sup>2</sup> Informação disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coromandel/historico>. Acesso em: 17 out. 2022.

satisfação e uma sensação de proteção e confiança. Percebi também que ela amava o que fazia, pois dispunha de um cuidado especial conosco.

Como eu gostava de ir à escola na segunda série do Ensino Fundamental! Minha professora era fascinada por contar histórias. Adorava ouvir: Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, Branca de Neve e os Sete Anões, mas a dos Três Porquinhos me marcou. Ela estava em sala de aula contando a história e disse que eles iriam visitar a escola durante o recreio. Fiquei muito ansiosa, acreditava que eram de verdade. Como dito, eles apareceram no recreio, brincaram comigo e com as outras crianças. Um sentimento de felicidade tomou conta de mim, segui por dias recontando esse episódio em família.

Em 1986, aos doze anos de idade<sup>3</sup> comecei a trabalhar como babá para uma família, permanecendo nesse emprego por sete anos. Criamos fortes laços afetivos que perduram até os dias atuais. Estudava no turno matutino e trabalhava no período da tarde. As tarefas da escola eram realizadas à noite. Sempre fui estudiosa e dedicada. Penso que iniciei minha trajetória de professora com as crianças dessa família. Além de muitas brincadeiras, auxiliava em todas as tarefas escolares. Meu pai era trabalhador rural e se acidentou afetando a coluna e, por esta razão, se aposentou. Minha mãe era do lar e não tinha boa saúde. Nessas condições, parte do meu salário destinava-se às despesas da casa.

Terminei o ensino médio em 1992 aos dezoito anos de idade e com muitos planos de estudo. Nesta época, iniciava como funcionária em uma loja peças de carro com a carga horária de oito horas diárias. Estava muito feliz, pois o salário era melhor, o que poderia abrir espaço para a realização do sonho de fazer faculdade. Mas, infelizmente no final do ano de 1993 minha mãe foi diagnosticada com câncer e passei a ser a dona da casa e “mãe” de minha mãe. Nessa situação não havia como continuar no emprego. Desde então, foram seis anos de angústia, medo e tristeza, devido ao sofrimento dela durante os tratamentos em hospitais e, posteriormente, em casa. Isso tudo foi uma mudança brusca em minha vida, pois, de repente, tive que ser adulta e enfrentar situações jamais imaginadas, como acompanhá-la ao hospital em Uberlândia<sup>4</sup>, considerada referência em saúde para a

---

<sup>3</sup> Embora nos dias atuais tenhamos o estatuto da criança e do adolescente, em 1986 essas proibições não existiam. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 17 out. 2022.

<sup>4</sup> Situada a cerca de 170 km de Coromandel, atualmente com uma população de 706.597 pessoas. Localizada na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, entre a maior cidade da América

região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Noroeste de Minas e Sul Goiano, contando com mais de uma dezena de hospitais, tanto privados como públicos, como o Hospital das Clínicas (SUS/UFU).

Nesse tempo, ainda não tinha saído da pequena Coromandel nem a passeio e, inesperadamente, me vi em Uberlândia, sozinha com minha mãe, muitas vezes sem saber como agir diante das decisões que tinha que tomar sobre seu tratamento, e o pior, com pânico de hospitais. Só de sentir o cheiro de remédio começava a tremer, suar frio e desmaiava. Então, foi preciso muita superação para seguir adiante, fazendo o que era possível. De certo modo, adquiri maturidade precocemente. Nesta época, conciliava os cuidados com minha mãe quando estávamos em casa com as aulas de reforço que ministrava para crianças. Dessa forma, garantia recursos financeiros para manter as despesas pessoais. Meu irmão já trabalhava e auxiliava nas contas da casa.

Em meio às numerosas dificuldades, resolvi prestar o vestibular nas Faculdades Integradas de Patrocínio (FIP), atualmente denominadas de Centro Universitário do Cerrado (UNICERP), na cidade de Patrocínio<sup>5</sup> um município mineiro, com população estimada em 90 mil habitantes, situado a 76 km de Coromandel na região do Alto Paranaíba, em localização privilegiada, ficando a cerca de 400 km da capital mineira. Conhecido por ser o maior produtor de café do Brasil

Iniciei minha carreira universitária através do curso de Ciências em 1996 aos vinte e dois anos de idade. Na época, se concluí a Licenciatura Curta em Ciências com dois anos e meio e depois se optava por biologia, matemática, física ou química para a licenciatura plena. Com o trabalho de professora de reforço e com a ajuda de meu irmão, pagava a faculdade. Finalizei a Licenciatura Curta em Ciências em 1998, interrompendo em seguida os estudos devido ao agravamento da doença de minha mãe que veio a falecer em 1999. Logo em seguida, meu pai foi diagnosticado com Leucemia Linfocítica Crônica (LLC), dando início a um novo ciclo de angústia, tristeza e sofrimento dentro de hospitais. No entanto, sempre procurei ser uma

---

Latina (São Paulo) e a capital do país (Brasília), a cidade de Uberlândia – tal como constatado nos jornais e censos demográficos – assume o posto de segunda maior cidade do Estado de Minas Gerais, economicamente a segunda maior do interior do Brasil e o principal centro urbano da região do Triângulo Mineiro. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>. Acesso em: 17 out. 2022.

<sup>5</sup> Município mineiro com população estimada em 90 mil habitantes, situado a 76 km de Coromandel na região do Alto Paranaíba, em localização privilegiada, ficando a cerca de 400 km da capital mineira. Conhecido por ser o maior produtor de café do Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/patrocinio.html>. Acesso em: 17 out. 2022.

pessoa alegre, sorridente, confiante, generosa e forte para conseguir vencer todos esses desafios, juntamente com meus conflitos internos, que não eram poucos.

Em agosto de 1999, aos vinte e cinco anos de idade tive a oportunidade de ministrar aulas de matemática em uma escola municipal na zona rural de Coromandel. Esta foi minha primeira experiência como professora. Tive a certeza de que estava no caminho certo. Minha aptidão para a docência só crescia. Em fevereiro do ano dois mil, ingressei na escola pública da rede estadual como professora de ciências também em uma escola da zona rural. Foi de grande importância a experiência em duas disciplinas diferentes: matemática e ciências, o que facilitou minha escolha para finalizar a graduação. Graduei-me em Biologia em 2001 com a certeza de ter feito a melhor escolha.

Figura 2



Fonte: Autoria própria.

Figura 3



Fonte: Autoria própria.

Conseguí conciliar essa rotina com meu pai, o término da faculdade e a docência. Neste tempo, os recursos para o pagamento da faculdade, despesas pessoais e da casa eram oriundas do meu salário de professora e com o auxílio do meu irmão, a quem tenho muita gratidão pelo companheirismo, cuidado e ajuda financeira recebida. Desde então até os dias atuais sou atuante como professora.

Em 2016 ocorreu o falecimento do meu pai. Vencer o luto foi mais uma batalha difícil, pois em minha mente eu estava “sozinha” por não ter mais meus pais vivos. Afinal, foram 23 anos dedicados a eles. Estava com 42 anos de idade e minha vida pessoal acabou ficando em segundo plano. Nesse momento, me dei conta que os anos se passaram e muitas coisas que pensei realizar se perderam com o tempo. A prioridade era cuidar dos meus pais. Hoje sei que poderia ter conciliado tudo. No entanto, não foi o que consegui fazer, fato que, às vezes, me angustia e entristece. Todavia, busco superação por meio de um trabalho voltado ao meu lado emocional e espiritual.

Como minha mãe era uma pessoa amorosa, carinhosa e disponível para ajudar em qualquer situação, me vejo hoje com as mesmas características. Sempre

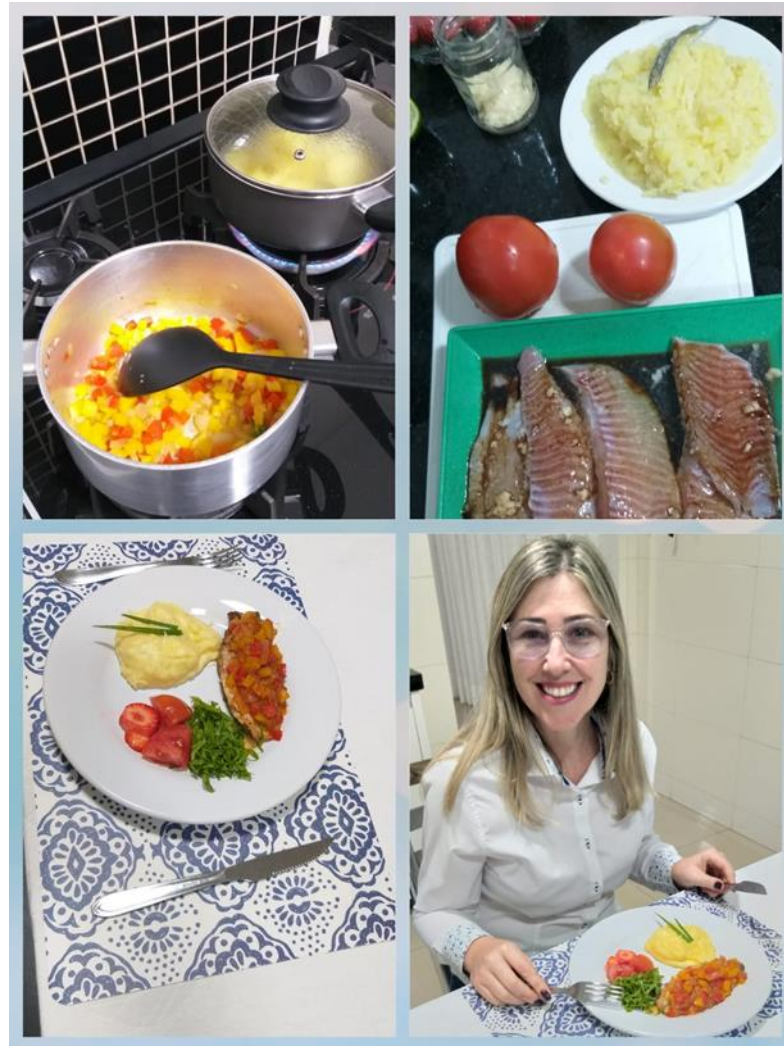
enxergo o melhor nas pessoas e, mesmo quando fazem algo que não é certo, tento ser empática. Busco ser otimista e acredito que os momentos difíceis contribuem para nossa humanização.

Temos que ser pacientes, fortes, batalhadores, resilientes e fazer as escolhas diárias pensando no bem-estar de si e dos outros. Sou também orgulhosa, perfeccionista, gosto de ter o controle das coisas, mesmo sabendo que nada é controlado. Sou chorona demais! Caso exista, gostaria de fazer um curso para aprender a não me emocionar em demasia, pois, às vezes, isso me incomoda, como tantos outros defeitos que vivo buscando corrigir.

Apesar de tudo, minha vida não foi só de dificuldades, porque mesmo diante delas, fui e sou feliz. Conciliei muitas coisas, afinal, para desconectar de tantas demandas difíceis, foi necessário um tempo para cuidar da mente e também do corpo. Por meio de minhas orações, em casa e na igreja, atividade física, viagens curtas, passeio com amigos nos finais de semana, bailes, boates, shows, e livros. Gosto de encontros familiares, da comida caseira, bem como de outros momentos de lazer. Minhas amizades de criança são mantidas até hoje.



Figura 4



Fonte: Autoria própria.

No decorrer do tempo, em ocasiões favoráveis, sempre participava de cursos de aperfeiçoamento profissional e, dentre eles, concluí uma pós-graduação em Educação Ambiental (Escola: Espaços Educadores Sustentáveis) pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em 2016 na Plataforma EAD com encontros presenciais mensais no Polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) em Coromandel. Tinha como meta fazer o Mestrado; porém era algo tão distante, que tive dúvidas em relação à sua concretização. Em 2020, quando soube do edital do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU), para o Mestrado Acadêmico em Educação, senti ser a hora de tentar.



Contei com o incentivo e ajuda de uma amiga e colega de trabalho, que havia terminado o Mestrado e estava pleiteando uma vaga no Doutorado. Fiz minha inscrição e ao conferir o resultado da primeira fase e ver meu nome na lista dos classificados, fiquei imensamente feliz! Na segunda fase cometi um erro na prova de títulos e, desse modo, não permaneci nas vagas. Quando estava para efetuar a matrícula como aluna especial, recebi um e-mail da Secretaria do PPGED para a matrícula como aluna regular. Foi muita euforia, alegria, gratidão, uma explosão de sentimentos! Enfim, quando penso em minha trajetória de vida, estar no programa é uma conquista e a realização de um sonho.

No entanto, sei que estou no início dessa jornada, que tenho muito a aprender e a fazer. O começo é sempre difícil e desafiador, porém a acolhida e receptividade dos professores têm contribuído para a aquisição de autoconfiança e minimizado minha timidez. A vida é um ciclo e nele temos oportunidades de evoluirmos em todos os sentidos. O que vivemos no presente é resultado de escolhas feitas ao longo da vida. Julgar aquelas que nos trazem insatisfação é motivo para tristeza e o passado deve ser um lugar de aprendizagem, não de habitação. Estou num momento muito especial de minha existência, pois iniciei uma nova etapa com um companheiro em outra cidade, trabalhando numa nova escola, e cursando o tão sonhado Mestrado. Tempo de renovação e aprendizado.

Figura 5



Fonte: Autoria própria.

### **3 MÁQUINA DO TEMPO: REVIVER, NARRAR E CONSTRUIR-SE NO PESQUISAR**

O ano de 2000 marca o início da minha docência em uma escola estadual da zona rural de Coromandel, na qual trabalhei durante oito anos. Fui acolhida com muito carinho, com destaque especial a uma professora e amiga, cuja amizade foi conquistada nesse ambiente. Ela me apresentou as dependências do espaço escolar, ajudou-me com os planos de aulas, preenchimento do diário, deu dicas de manejo de sala, dentre outras tarefas do fazer escolar. Quando chegou meu primeiro momento de atuação em sala de aula, senti-me um pouco insegura, em parte devido a minha timidez, mas os alunos foram generosos e afáveis. Eles valorizavam e respeitavam o trabalho do professor. As relações eram recheadas de carinho, admiração, gentileza, consideração e cuidado, o que me fez sentir em terreno familiar.

Em seguida, lecionei quatro anos em outra unidade e, em dois mil e dez, comecei a trabalhar na escola onde estudei. Realizei o sonho de nela exercer o ofício docente e lá permaneci por doze anos. Posso dizer que a equipe era unida, uma família na qual criei vários laços afetivos. No final do ano de 2021, já cursando o Mestrado me mudei para Monte Carmelo<sup>6</sup> onde sou professora regente de aulas de ciências do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental numa escola da rede estadual de ensino.

Em minha trajetória docente, sempre busquei entender meus alunos, ser amorosa, paciente, dialogar, abraçar, pois essa é minha conduta também na vida. Ao passar pelo pátio, eles vêm me abraçar e, quando entro na sala de aula, alguns se levantam e fazem o mesmo gesto. Outros pedem o mesmo carinho. Chega a ser engraçado, porque ao encontrar meus ex-alunos, a primeira coisa que acontece é o abraço. No entanto, essa atitude gentil e amorosa muitas vezes se faz pouco presente na vida do estudante e, quando ele se depara com ela, pode confundi-la com liberdade para agir de forma desrespeitosa e não seguir as boas regras de

---

<sup>6</sup> Monte Carmelo é uma cidade mineira cuja população estimada, segundo dados do IBGE em 2019, é de 47 809 habitantes. Fica a 55 km de Coromandel e a 109 km de Uberlândia. A principal atividade econômica da cidade é a produção de telhas, tijolos, artefatos cerâmicos e também é destaque na produção de café. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/monte-carmelo/panorama>. Acesso em: 17 out. 2022.

convivência, o que demanda paciência, respeito, confiança, diálogo honesto, empatia e, principalmente, alteridade por parte do professor.

Continuo buscando e aprendendo a resolver os problemas diários nas aulas, a me sentir preparada para a docência, saber qual estratégia é melhor para cada conteúdo, ou tema, e também para cada aluno. Atualmente, sinto falta das relações guiadas pelo amor, acredito, que quando presentes entre aluno e professor, os caminhos para a aprendizagem são abertos. Estabelecer e fortalecer vínculos afetivos torna-se algo difícil na sociedade do consumo na qual vivemos. Dado que o amor não vem pronto, e nunca virá, mas é algo que precisa ser construído/aprendido e para isso requer tempo e paciência de ambos os sujeitos envolvidos nesse processo de aquisição do sentimento amoroso. Para Bauman (2004, p. 24) “o amor é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. [...] Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição”.

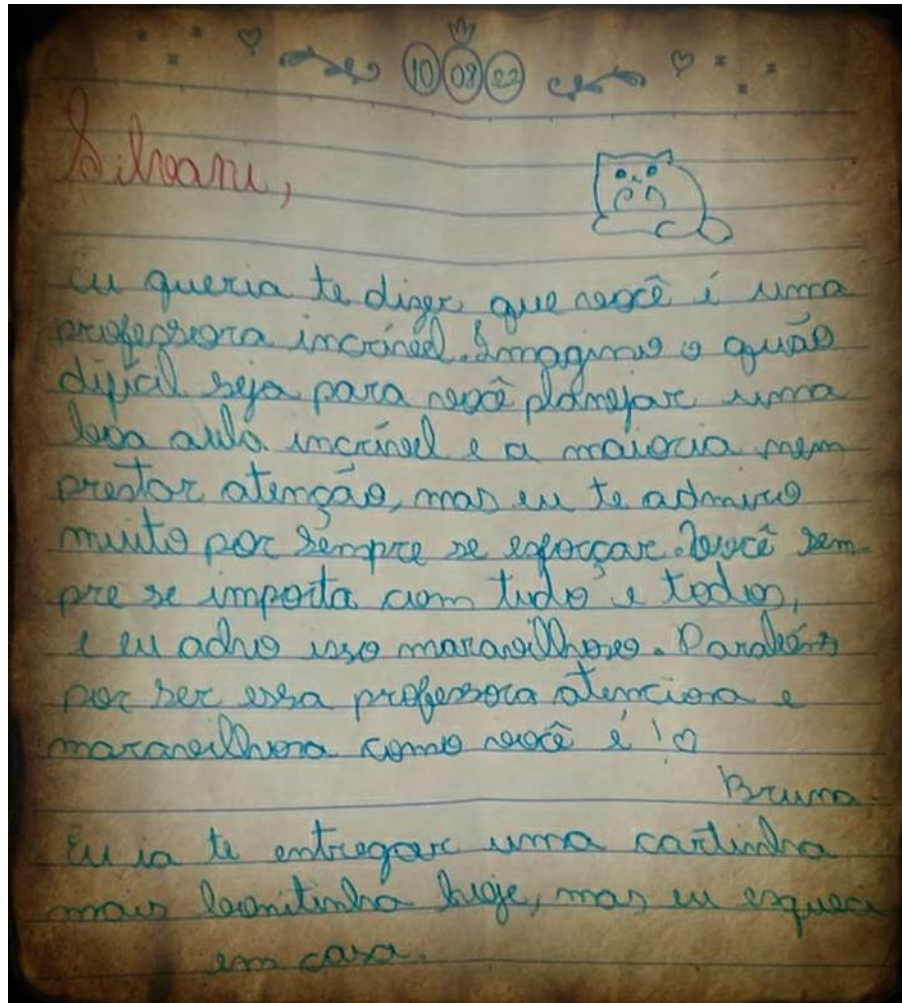
Regularmente fico frustrada ao planejar uma aula com tanto carinho e não atingir o resultado esperado. Há vários motivos na rotina diária da escola que contribuem para essas frustrações, como a falta de respeito e de limites dos alunos, pouco apoio da família, a carência de material e assistência pedagógica, e principalmente a dificuldade que os sujeitos têm de criar vínculos na atualidade, num mundo globalizado onde o prazer é marcado pelo consumismo compulsório e as relações guiadas pelo desejo. Segundo Bauman (2004),

A era da modernidade líquida em que vivemos - um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível - é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, a nosso parceiro ou a nós mesmos.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Apresentação na contracapa do livro “Amor Líquido – Sobre as fragilidades dos laços humanos”.

Figura 6



Fonte: Autoria própria.

Esses problemas citados são notórios da sociedade contemporânea. Pode-se dizer então, que a sala de aula se tornou um espaço de lutas, não há como separar a realidade escolar das vivências e experiências de cada aluno. Cabe ao professor uma sensibilidade para mediar os conflitos surgidos com um diálogo acolhedor, amoroso e reflexivo objetivando a aprendizagem e a humanização. Diante das inúmeras indagações a que me submeto sobre minha práxis pedagógica, sempre sou direcionada a entender o quanto o amor na expressão do verbo amar é essencial para que eu siga buscando aperfeiçoamento em meio a tantas adversidades. Para Bauman (2004, p. 24) “amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama. No amor, o eu é, pedaço por pedaço, transportado para o mundo. [...] Amar diz respeito a autossobrevivência através da alteridade.”

Figura 7



Fonte: Autoria própria.

Ao nos relacionarmos ensinamos e aprendemos. Nessa ótica, tanto o professor quanto o aluno assumem um papel importante nesta relação rumo ao conhecimento. O docente através do seu comportamento amoroso, utilizando diferentes metodologias e atividades significativas com os discentes, corrobora para a construção de pontes entre o ensinar e o aprender, atuando como um orientador. Busca também o enfrentamento das dificuldades surgidas no percurso, que são comuns a todos os educadores. Em seu livro intitulado “Amor Líquido” Zygmunt Bauman destaca as fragilidades das relações entre as pessoas na sociedade do consumo.

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender. (BAUMAN, 2004, p. 8)

Segundo essa perspectiva, criar laços afetivos num mundo de individualização é uma tarefa árdua. Os sentimentos e afetos surgem e desaparece na mesma velocidade. “Hoje em dia as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que esperamos obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas plenas e verdadeiramente satisfatórias” (BAUMAN, 2004, p. 9).

No ensejo da docência as dúvidas sempre me acompanharam, uma vez que no universo de relações, que é a sala de aula, tudo é imprevisível, e cada dia é uma oportunidade de afinar os elos afetuosos, guiar nossos alunos para o conhecimento escolar e também na vida. Para isso, no início da carreira experimentei posturas e métodos que funcionavam com meus colegas de trabalho, ou com outros professores, não obtendo o mesmo resultado.

Por um tempo, segui alternando entre essas práticas e as que iam ao encontro pessoal comigo, com o meu jeito de ser e fazer. Aos poucos, com um olhar direcionado a mim, ao meu interior, percebia haver uma demora em conquistar o respeito e a confiança dos alunos. Entretanto, com paciência, persistência, dedicação, empatia e com foco nesse objetivo, avanços foram possíveis.

Apesar desse turbilhão de incertezas e obstáculos, posso dizer que meu percurso profissional é marcado por inúmeros momentos bons, pois ao longo desta caminhada, conquistei o respeito da comunidade escolar, dos gestores, dos professores, principalmente dos meus alunos e das pessoas em geral do meu convívio. Minhas relações interpessoais em todas as escolas nas quais trabalhei sempre foram boas e nos momentos mais difíceis muitos me ajudaram. É comum ter alguém para me auxiliar antecipadamente ao meu pedido, o que me faz sentir segura, amparada e agradecida.

Gosto de aulas dinâmicas e provocativas para que o aluno possa ser atuante e interessado em participar, como propor jogos, apresentações, experimentos, dentre outras atividades. Dividir a responsabilidade com eles tem dado certo. A Feira de Ciências é uma das favoritas entre as atividades que desenvolvo. Apesar de ser cansativo, o resultado é maravilhoso! Os estudantes participam, apresentam seus



trabalhos, convidam os colegas e amigos de outras escolas para prestigiarem, as famílias comparecem e os ex-alunos visitam a escola nesse evento. Também contribui para o aluno protagonizar sua aprendizagem, melhorar sua autoestima e na dinâmica grupal do trabalho perceber o quanto a paciência, a união, o respeito, a ética, a empatia são necessários na conduta diária.

Figura 8



Fonte: Autoria própria.

Figura 9



Fonte: Autoria própria.

Figura 10



Fonte: Autoria própria.



À medida que amadurecemos criamos novos outros de si, repletos de novidades, mais seguros, fortes e sem reservas para agir e expressar o que nos movimenta na vida. Busco exercer o magistério livre de um padrão, de um modelo de professor e revelar-me como um sujeito em constante construção.

O modelo ainda apreciado pela maioria é aquele que mantém a sala de aula sem barulho, sem movimentação, todos sentadinhos, seguindo as regras do professor e detentor do conhecimento, a famosa disciplina. No entanto, o barulho oriundo dos diálogos, das inquietações e dúvidas, de algum relato de vida emergido durante o conteúdo estudado, ou até mesmo de um comportamento grosseiro do aluno com um colega, ou professor, acredito serem oportunidades de ensinar e aprender.

Censurar o que pulsava em mim não deu muito certo e, com o tempo, senti confiança para aceitar que não seria possível ter uma conduta que não fosse recheada de cuidado, seja na escola, em casa, onde eu estiver. Acrescento a essas inconstâncias que cada estreito momento na companhia de meu aluno é uma nova história, porque o que deu certo em uma aula, e com um estudante, pode não funcionar com outro. Penso que o cuidado é indispensável nas relações humanas. Sobre o entendimento de cuidado Leonardo Boff traz a fábula-mito do cuidado que diz:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar nome a criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: essa criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil. (BOFF, 2008, p. 46)

A fábula evidencia que somos terra fértil na qual os frutos do cuidado desenvolvem, portanto, não devemos abrir mão dele. É esse cuidado que me motiva a ser e a fazer o melhor na docência e na vida. Sei que os erros são demasiados,

mas podem nos sensibilizar a um olhar atento sobre as relações que construímos. A experiência consigo mesmo e com o outro nos torna diferentes e, preferencialmente, melhores como pessoas e também como professores.

Nesse contexto de pensar sobre o cuidado e sua relação com o amor, e que o amor rege tudo em minha vida encontrei bell hooks, uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana. Seu nome de batismo era Gloria Jean Watkins, mas em homenagem a sua avó materna adotou o pseudônimo bell hooks grafado em letra minúscula. Nasceu em Hopkinsville, ao sul dos EUA em 25 de setembro de 1952 e faleceu em 2021. Desde criança valorizava a vida intelectual e tinha o sonho de ser escritora. Em sua obra abordou temas importantes como o racismo, a importância do amor, a desigualdade social e de gênero e a crítica ao sistema capitalista.

Em seu livro Tudo sobre o Amor: novas perspectivas, bell hooks procura esclarecer o que é o amor, seja nas relações familiares, românticas e de amizade ou na vivência religiosa. Em tempos em que o amor é visto como fragilidade, fraqueza e irracionalidade, para a autora o amor significa uma potência, uma arma poderosa de luta e transformação da sociedade. Diz que devemos “abandonar a ideia de que o amor é apenas um sentimento e passar a entendê-lo como ética de vida” (HOOKS, 2021, p. 10) e reafirma “que abraçar a ética amorosa significa inserir todas as dimensões do amor – cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento – em nossa vida cotidiana” (HOOKS, 2021, p. 16).

No intuito de definir o amor seria pertinente pensá-lo como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa” (HOOKS, 2021, p. 47). Para desenvolver essa explicação, o psiquiatra Scott Peck (1978), citado por hooks (2021, p. 47), continua: “o amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade - isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. Lentamente, com a leitura, ficou claro que uma atitude amorosa em sala de aula é muito positiva, o que contribui para a aproximação com, e dos estudantes, na resolução de conflitos e, principalmente, na aprendizagem, pois “quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, compromisso e confiança” (HOOKS, 2021, p. 55).

Sou grata pelos pais que tive e pelas escolhas que fizeram. Sempre me emociono ao lembrar tantos momentos nos quais a falta de dinheiro até para comprar o essencial – alimento – se fez presente, mas o amor havia com fartura!

Para eles, conseguir naquelas condições de fragilidade mostrar que, com esforço, trabalho, honestidade, ânimo, fé e estudo as circunstâncias da vida podem melhorar, foi necessário sabedoria, coragem e principalmente, amor. Meus pais sempre ilustravam nossas conversas com histórias de pessoas que tinham vencido na vida e hoje sei que a maioria era inventada para nos fazer pensar no futuro e na possibilidade de uma vida melhor. Percebi que não tinham vergonha da pobreza material, mas sofriam com ela.

Porém, não desanimaram, fizeram dessas vivências motivos para refletirem acerca de como enxergamos as coisas e escolhemos agir. Faziam-me sentir a força interior que me movia ao enfrentamento dessas dificuldades com confiança e alegria no coração, confirmando assim, o potencial do amor em nossas vidas, posto que “para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes — carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (HOOKS, 2021, p. 47).

Minha compreensão sobre o amor começou nesse ambiente repleto de afetos, primeiro com os gestos carinhosos e, depois, com esses e tantos outros momentos de ensinamentos que ficaram marcados em minha memória. É visível que havia uma preocupação e um imenso esforço deles em nos educar, sensibilizando-nos pelo amor. Enaltecendo esse ambiente familiar amoroso no qual vivi, menciono o que hooks (2021) salienta:

Nós não nascemos sabendo como amar alguém, quer se trate de nós mesmos ou de outra pessoa. Contudo, nascemos capazes de reagir ao carinho. Conforme crescemos, podemos dar e receber atenção, afeição e alegria. Aprender como nos amar e como amar os outros dependerá da existência de um ambiente amoroso [...]. Um lar feliz é um lugar onde o amor pode florescer. (HOOKS, 2021, p. 93-94)

Recordo-me quando tinha nove anos de idade, uma família com pai, mãe e três crianças, chegaram a Coromandel, vindos de Montes Claros somente com uma sacola de roupas. Ficaram na rodoviária por dias, até que os Vicentinos os levaram para uma casinha que ficava ao lado da minha. Houve um mutirão para ajudá-los. Ganharam colchões, cobertores, utensílios domésticos e alimentos. Na casa não havia eletricidade e nem água. Meus pais logo disponibilizaram o uso da água que tínhamos em nosso lar. Em poucos dias os alimentos recebidos acabaram e, desde então, passamos a dividir com eles o pouco que tínhamos.

Na família havia um bebê de uns seis meses que ficava no colo da mãe e chorava muito de fome, pois ela não tinha mais leite materno suficiente para alimentá-lo. Fiquei muito preocupada, peguei uma vasilha e perguntei à minha mãe se tinha permissão para pedir leite aos vizinhos.

Segui por dias nessa empreitada. Depois de alguns meses, o pai conseguiu serviço na lavoura de café e passou a ter condições de sustentar a família. Aqui percebo que a ação amorosa dos meus pais ia além do nosso lar. Mostravam-se caridosos, ensinavam a dividir e somente quem conhece e vivencia o amor, é capaz de atitudes concretas como as aqui descritas. Desde criança ouço o discurso que aprendemos com os exemplos e foi o que mais tive em minha família. Diante disso, não seria possível que eu deixasse de ter uma conduta que não fosse também amorosa. “O compartilhamento generoso de recursos é uma forma concreta de expressar o amor. Esses recursos podem ser tempo, atenção, objetos materiais. Uma vez que embarcamos no caminho do amor, vemos como é fácil doar” (HOOKS, 2021, p. 195).

Rotineiramente, à noite meu pai lia passagens bíblicas e, em seguida, usava uma situação do cotidiano para explicá-las. Fazia comigo, e meu irmão, como meu avô fez com ele e, dessa maneira, expressava sua compreensão do amor. “O compromisso com a vida espiritual necessariamente significa que abraçamos o princípio eterno de que o amor é tudo, todas as coisas, nosso verdadeiro destino” (HOOKS, 2021, p. 115). Com essa prática reforçava a importância de amar as pessoas e de estar à disposição para ajudar. Minha mãe reforçava seus ensinamentos e nessas ocasiões sempre lia o texto da primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, onde ele faz referência ao amor. É um dos meus textos preferidos. Para bell hooks ele também serviu de fonte para reflexão sobre o amor.

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria. (HOOKS, 2021, p. 117)

Meus pais me ensinaram a cuidar do corpo e da espiritualidade. Para mim, a presença de Deus foi primordial para me tornar uma pessoa amorosa e

emocionalmente capaz de lidar com as adversidades da vida. Quando falo de Deus compreendo que falo de amor. Nesse entendimento hooks traz uma declaração de King em uma palestra em 1967.

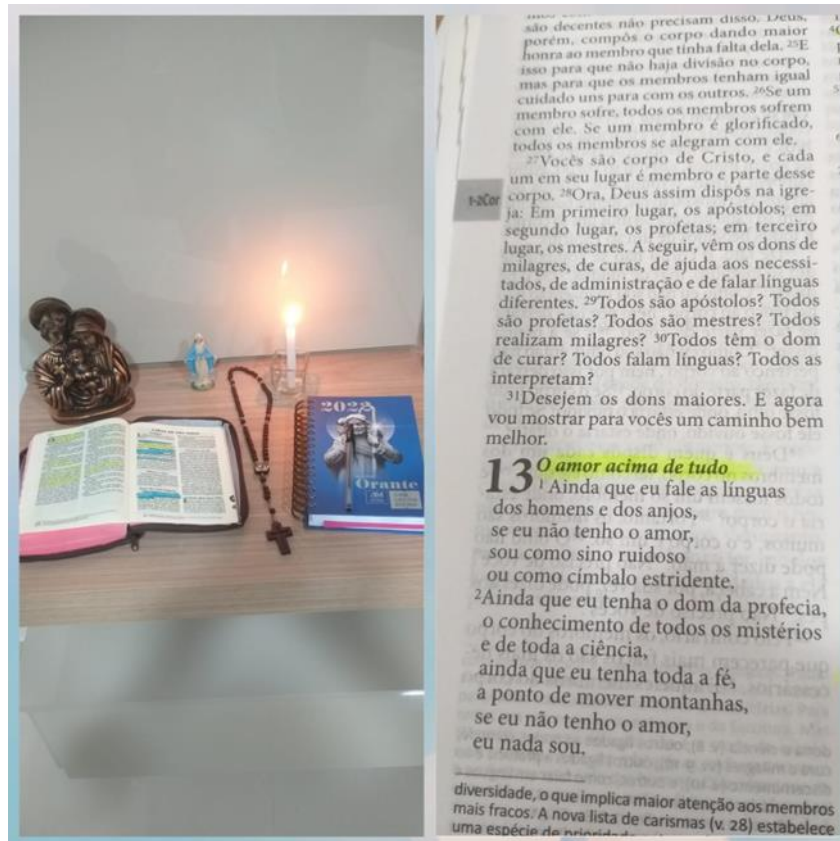
Quando eu falo de amor, não estou falando de uma reação sentimental e fraca. Estou falando daquela força que todas as grandes religiões veem como o supremo princípio unificador da vida. O amor, de alguma forma, é a chave que abre a porta que leva à última realidade. Essa crença hindu-muçulmana-cristã-judaico-budista na última realidade é lindamente resumida na primeira epístola de São João: “Amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus”. (HOOKS, 2021, p. 113)

Em um relacionamento profundo de intimidade com Deus, aprendi que o amor nos move para o bem, para a felicidade, nos transforma em pessoas melhores e nos capacita para a superação das dificuldades em nossa caminhada. “O compromisso com a vida espiritual necessariamente significa que abraçamos o princípio eterno de que o amor é tudo. [...] A espiritualidade e a vida espiritual nos dão forças para amar” (HOOKS, 2021, p. 115-116). Segundo hooks (2021), quando a pessoa busca a espiritualidade, ela

[...] permite que sua luz brilhe para que os outros possam ver, não apenas para servir de exemplo, mas também como um lembrete constante para si mesmo de que a espiritualidade é manifestada da maneira mais gloriosa em nossas ações — em nossos hábitos de existência. (HOOKS, 2021, p. 116)

Essa prática espiritual me assegurou enfrentar também os conflitos na docência. Em sala de aula estamos mergulhados em um terreno desconhecido, em que cada aluno traz consigo uma vivência na qual, muitas vezes, o amor esteve ausente.

Figura 11



Fonte: Autoria própria.

Atualmente, trabalho em uma escola pequena onde há apenas o Ensino Fundamental e, nela, os anos finais, nos quais atuo. Frequentemente os alunos têm atitudes de desrespeito, usam palavras ofensivas uns com os outros e com os professores; colocam apelidos; praticam *bullying*; e, muitas vezes, usam a agressão verbal e física para tentar resolver conflitos. Tenho que estar plenamente atenta o tempo todo, o que me deixa esgotada, física e mentalmente. Há pouco interesse pelos conteúdos trabalhados nas diferentes disciplinas escolares, e até por outros assuntos que, muitas vezes, pensamos ser atraentes para eles. Frente a tantas fragilidades dos alunos busco como alternativa uma acolhida amorosa, um diálogo no qual reforço o quanto eles são especiais e amados por mim, planejo as aulas para que seja prazerosa e interativa. Utilizo atividades em grupo, dinâmicas, música, e jogos no intuito de criar e fortalecer vínculos afetivos entre eles e também comigo.

Figura 12



Fonte: Autoria própria.

Figura 13



Fonte: Autoria própria.

Ao conhecer os membros das famílias nas reuniões pedagógicas, ou quando solicitamos a presença destes para conversar sobre algumas situações específicas, noto em alguns casos uma cultura do desamor. Esse sentimento pode ser comunicado por meio das atitudes, do olhar e da escuta. “A verdade é que em nossa cultura, há muitas pessoas que não sabem o que é o amor” (HOOKS, 2021, p. 53).

Para efeito de exemplificação desse contexto complexo, durante uma aula dois alunos trocaram indelicadezas desde o momento que entrei na sala. Tinha preparado um jogo para abordar um conteúdo, porque só assim consigo a atenção deles. Nessa ocasião não consegui devido ao fato de ter que chamar-lhes a atenção e inúmeras interrupções para conversar e entender o que estava havendo entre os dois estudantes. Repentinamente, um deles levantou-se e foi em direção ao outro, já utilizando golpes como socos e chutes. Meu ímpeto foi separá-los, porém não consegui sozinha. Outros alunos me ajudaram e contive a situação. Era o último horário do dia, então fiquei com os dois estudantes após o sinal para uma breve conversa. Ouvi cada um e, após um longo diálogo, os dois se desculparam, e se comprometeram a não mais agir daquela forma. Os liberei e na saída da escola a mãe de um deles estava no portão conversando com a vice-diretora, que me abordou dizendo que era a mãe de Pedro<sup>8</sup>. Ao contar o que houve, ela me disse, na presença do filho, que se aquela atitude se repetisse, eu poderia chamar a polícia e, durante a minha fala, reforçou que essa era a única maneira de corrigi-lo, porque ele não a respeitava. Fiquei praticamente sem ação diante da fala da genitora perante o filho de 12 anos de idade, pois, deparei-me com uma mãe impotente, fragilizada e que aparentemente não dispunha de argumentos e atitudes para que o filho pudesse mudar sua conduta. O que dizer nessa situação? Fui empática e pontuei sua responsabilidade em continuar tentando, a não desistir do filho e que eu faria o mesmo na escola. Sugeri a soma de nossos esforços em uma causa comum. No outro dia, chamei cada aluno individualmente para ouvir, conversar e entendê-los melhor e poder, de alguma forma, ajudá-los. Os efeitos positivos dessas conversas duram poucos dias, tendo que repeti-las periodicamente. Entendi com bell hooks que “mudanças profundas na forma como pensamos e agimos precisam acontecer se quisermos criar uma cultura baseada no amor” (HOOKS, 2021, p. 39).

---

<sup>8</sup> Pedro é um nome fictício para garantir o anonimato do estudante.



Nesse cenário, uma conduta amorosa se torna cada vez mais necessária. Quando amamos, ficamos abertos ao outro e as relações conflituosas nos ajudam a enxergar o que precisa ser mudado. Tornamo-nos pessoas amorosas quando nossas relações são guiadas pelo amor, porque damos o que recebemos. “No entanto, o amor não estará presente se os adultos que se tornaram pais não souberem amar” (HOOKS, 2021, p. 61).

Se em casa o amor é pouco vivenciado, a escola passa a ser a meu ver, um espaço de oportunidades para experimentá-lo. O professor e a equipe escolar podem oportunizar esses momentos, visto que “quando trabalhamos com amor, criamos um ambiente de trabalho amoroso” (HOOKS, 2021, p. 102). Para essa autora:

Trazer amor para o ambiente de trabalho pode criar a transformação necessária para que qualquer trabalho que façamos, não importa quão subalterno, se torne um âmbito em que os trabalhadores possam expressar seu melhor. Quando trabalhamos com amor, renovamos nosso espírito; essa renovação é um ato de amor-próprio que alimenta nosso crescimento. Não é o que você faz, mas como faz. (HOOKS, 2021, p. 104-105)

Como uma criança, um adolescente, terá uma atitude amorosa se ele pouco ou talvez não conheça o amor, e se, muitas vezes o que ele vive é o oposto? Quando chamamos um aluno que demonstra dificuldades de relacionamento com os colegas e professores, devido à sua falta de respeito, para conversar em particular, ele, sentindo confiança no professor ou em outro adulto da escola, relata os fatos ocorridos em seu lar. Com essa atitude muitas vezes identificamos o que o aluno vivencia em casa que contribui para tais atitudes na escola.

A grande maioria de nós vem de famílias disfuncionais nas quais fomos ensinados que não éramos bons, nas quais fomos constrangidos, abusados verbal e/ou fisicamente e negligenciados emocionalmente, mesmo quando nos ensinavam a acreditar que éramos amados. Para a maioria das pessoas, é simplesmente ameaçador demais aceitar uma definição de amor que não nos permitiria mais identificar o amor em nossas famílias. (HOOKS, 2021, p. 48)

Numa tentativa de compreender melhor os alunos e auxiliá-los, meus colegas professores, equipe pedagógica e eu tivemos a ideia de realizar uma reunião com os pais e os discentes de uma turma na qual todos os professores estavam com dificuldades de trabalhar, devido ao comportamento grosseiro e abusivo dos alunos.

Combinamos que não seria pontuado nada de negativo e que o foco seria falar das qualidades e que, ao final da reunião, faríamos uma confraternização. Assim fizemos. Marcamos o dia, mandamos o convite aos responsáveis, reforçando que seriam pais e filhos juntos e que o assunto não estava relacionado a notas.

No dia do encontro com referida turma, composta por 32 alunos, apenas oito mães e um pai compareceram com seus filhos. A sala estava organizada com as cadeiras em círculo, a supervisora conduziu a reunião, iniciando com uma mensagem e, em seguida, explicou como seria a dinâmica do encontro. Foi solicitado a cada pai, ou mãe, para enumerar as qualidades mais marcantes do filho, como eles os viam. Como os pais estavam muito tímidos me prontifiquei para iniciar a dinâmica. Percebi que eles ficaram aliviados! Sorrisos surgiram nesse momento. Então, escolhi um dos alunos, sobre o qual elencaria uma qualidade, mas antes que o fizesse, pedi a outro aluno para me ajudar. Comecei comentando algumas situações que tivemos em sala de aula e logo os próprios coleguinhas de turma as pontuaram. Para estimular ainda mais os pais, para cada aluno ali presente destaquei o que mais me encantava em cada um. Em seguida uma mãe começou, e mesmo diante do que havíamos feito, concentrou-se nos defeitos. A supervisora a interrompeu insistindo para que apresentassem apenas as qualidades. Continuamos, e no decorrer deu certo. Durante a reunião uma mãe disse que o filho é tão custoso que ela o acorda de manhã dando tapas em seu rosto, joga água para ele acordar e ir para a escola. Uma colega professora aconselhou a fazer diferente, por que não acordá-lo com beijos? A mãe ficou envergonhada, sorriu e disse que faria o teste no dia seguinte. Nosso diálogo com os responsáveis foi baseado na conduta amorosa.

Quando vemos o amor como uma combinação de confiança, compromisso, cuidado, respeito, conhecimento e responsabilidade, podemos trabalhar para desenvolver essas qualidades ou, se elas já forem parte de quem somos, podemos aprender a estendê-las a nós mesmos. (HOOKS, 2021, p. 94)

Finalizamos esse momento com a família apresentando um vídeo que trazia a mensagem “O nó no lençol”<sup>9</sup> para mostrar aos pais o quanto sua presença e

---

<sup>9</sup> Sinopse: Em uma reunião de escola um pai contou que ficava angustiado, por praticamente só conviver com o filho nos fins de semana. Disse que na tentativa de se redimir com o filho beijava-o todas as noites, quando chegava em casa. Contou que, a cada beijo, ele dava um pequeno nó no lençol, para que seu filho soubesse que ele estivera ali. Quando acordava, o menino sabia que seu

demonstração de amor são importantes na vida dos filhos. Um beijo, um abraço cheio de carinho tem poder curativo. Acredito que “apesar da pressão massacrante para nos conformarmos à cultura do desamor, nós ainda buscamos conhecer o amor” (HOOKS, 2021, p. 115). Na minha concepção, o professor rejeita essa cultura do desamor quando ele é humano, empático, quando trabalha de uma forma que o aluno sintam-se importante, valorizando sua aprendizagem e orientando-o na sua percepção de si mesmo. Tais posturas requerem uma ética amorosa na vida contribuindo para as mudanças necessárias na sociedade. Nesse sentido hooks (2021) pensa junto com Fromm acerca das possíveis transformações que precisam acontecer.

A sociedade deve ser organizada de modo tal que a natureza social e amorosa do homem não se separe de sua existência social, mas se unifique com ela. Se é verdade, como venho tentando mostrar, que o amor é a única resposta sadia e satisfatória ao problema da existência humana, então qualquer sociedade que exclua relativamente o desenvolvimento do amor deve, no fim das contas, perecer vitimada por sua própria contradição com as necessidades básicas da natureza humana. Na verdade, falar de amor não é “pregar”, pela simples razão de que significa falar da última e real necessidade de todo ser humano. [...] Ter fé na possibilidade do amor como fenômeno social, e não apenas excepcional-individual, é uma fé racional baseada no conhecimento da própria natureza do homem. (HOOKS, 2021, p. 128)

Nesse sentido, o amor precisa ser visto como um atributo de transformação da sociedade, se fazendo presente em todas as esferas da vida humana, seja na política, na religião, no ambiente doméstico e de trabalho, de modo que possamos viver tendo como base uma ética amorosa.

Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor — “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” — em nosso cotidiano. Só podemos fazer isso de modo bem-sucedido ao cultivar a consciência. Estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Entender o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital. (HOOKS, 2021, p. 130)

Partindo da premissa que o cuidado é uma dimensão do amor, segundo Boff (2014) o cuidado é mais que um ato, é uma atitude. Significa uma ocupação,

preocupação e uma responsabilização decorrente de um envolvimento afetivo com o outro.

Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada. (BOFF, 2014, p. 38)

Em relação ao cuidado, Boff (2000) acrescenta:

Cuidar significa entreter uma relação amorosa com a realidade e com cada ser da criação. E investir coração, afeto e subjetividade. As coisas são mais que coisas que podemos usar. São valores que podemos apreciar, são símbolos que podemos decifrar. Cuidar significa envolver-se com as pessoas e as coisas, dar-lhes atenção, colocar-se junto delas, senti-las dentro do coração, entrar em comunhão com elas, valorizá-las e compreendê-las em sua interioridade. Tudo de que cuidamos também amamos. E tudo que amamos também cuidamos. Pelo fato de nos ligarmos afetivamente com as pessoas e as coisas nos preocupamos com elas e sentimos responsabilidade por elas. (BOFF, 2000, p. 41)

Diante de uma cultura consumista e individualista presente na sociedade atual, onde nossos esforços estão centrados na busca por satisfação imediata, empreender as ações de cuidado requer empenho e dedicação no resgate de um modo de viver que valoriza a vida e o cuidar. É no relacionar que estreitamos os vínculos amorosos. O cuidado nos move para o bem viver consigo, com os outros e com tudo que existe. É a partir do cuidado que nos tornamos humanos.

Para Foucault o cuidado é substituído pelo cuidado de si. Em seu livro “A Hermenêutica do Sujeito”, o autor relata, em um dos seus cursos no *Collège de France*, em 1982, a concepção do “cuidado de si mesmo”, a qual, para os gregos, era a *epiméleia heautoû* e, para os latinos, a *cura suie*<sup>10</sup>, bem como as relações entre dois elementos, ou seja, o “sujeito” e a “verdade”.

Foucault retorna à filosofia grega, helenística, romana, e à espiritualidade cristã, desde o século V a.C. até os séculos IV e V d.C., para explicar a dimensão

---

<sup>10</sup> Literalmente, cuidado de si. Em latim, cura refere-se a uma série de coisas distintas, mas que mantém o sentido de cuidar: cuidado e diligência, mas também, direção, encargo, administração, cuidados de um doente, tratamento, trabalho, obra de espírito, obra literária, livro, causa de cuidado, inquietação, cuidados de amor, tormentos de amor, amor, guarda, guardador, vigia (FERREIRA, [s. d.], p. 315).

histórica do “cuidado de si<sup>11</sup>” e sua importância no processo de formação de uma subjetividade livre.

Pode-se objetar que para estudar as relações entre sujeito e verdade, é, sem dúvida, um tanto paradoxal e sofisticado, pois escolher a noção de *epiméleia heautoû* para a qual a historiografia da filosofia, até o presente, não concedeu maior importância. É um tanto paradoxal e sofisticado escolher esta noção pois todos sabemos, todos dizemos, todos repetimos e, desde muito tempo, que a questão do sujeito (questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo) foi originariamente colocada em uma fórmula totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a famosa prescrição délfica do *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”). Assim, enquanto tudo nos indica que na história da filosofia - mais amplamente ainda, na história do pensamento ocidental - o *gnôthi seautón* é, sem dúvida, a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, por que escolher esta noção aparentemente um tanto marginal que, certamente percorre o pensamento grego, mas à qual parece não ter sido atribuído qualquer status particular, a de cuidado de si mesmo, de *epiméleia heautoû*? Gostaria, pois, durante esta primeira hora, de deter-me um pouco na questão das relações entre a *epiméleia heautoû* (o cuidado de si) e o *gnôthiseautón* (o “conhece-te a ti mesmo”). (FOUCAULT, 2006, p. 6)

O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) era um dos preceitos délficos escrito em pedras e endereçado aos que vinham consultar os deuses e fazer seus pedidos. O “conhece-te a ti mesmo” estava ligado ao cuidar de si, pois o objetivo de buscar o oráculo era para descobrir uma forma de cuidar de si, o que demanda um conhecimento de si para fazer as perguntas certas. Segundo a interpretação de Roscher (1901), citado por Foucault (2006), isso significa que:

[...] no momento em que vens colocar questões ao oráculo, examina bem em ti mesmo as questões que tens a colocar, que queres colocar; e, posto que deves reduzir ao máximo o número delas e não as colocar em demasia, cuida de ver em ti mesmo o que tens precisão de saber. (ROSCHER, 1901 *apud* FOUCAULT, 2006, p. 6)

Destarte, o “conhece-te a ti mesmo” muitas vezes aparece subordinado ao princípio do “cuidado de si mesmo” (*epiméleia heautoû*) e, como uma aplicação concreta da regra geral, “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo”. Nesse âmbito, como

<sup>11</sup> Enfim, com a noção de *epiméleia heautoû*, temos todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade. De todo modo, é a partir da noção de *epiméleia heautoû* que, ao menos a título de hipótese de trabalho, pode-se retomar toda esta longa evolução milenar (século V a.C. - século V d.C.), evolução milenar que conduziu das formas primeiras da atitude filosófica tal como se a vê surgir entre os gregos até as formas primeiras do ascetismo cristão. (FOUCAULT, 2006, p. 15).

que no limite deste cuidado, é que aparece, e se formula, a regra “conhece-te a ti mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 7). Evidenciando essa relação entre o “cuidado de si” e o “conhece-te a ti mesmo”, temos que:

O cuidado de si constituiu, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual – ou a Uberdade cívica, até certo ponto – foi pensada como ética. Se se considerar toda uma série de textos desde os primeiros diálogos platônicos até os grandes textos do estoicismo tardio – Epicteto, Marco Aurélio... –, ver-se-á que esse tema do cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral. [...] Para voltar à questão da qual o senhor falava, acredito que, nos gregos e romanos – sobretudo nos gregos –, para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer – eis o aspecto familiar do *gnôthi seautón*– e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. [...] Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si – este é o lado socrático-platônico, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. (FOUCAULT, 2004, p. 267-269)

O cuidado de si, primeiramente, foi entendido como uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. “A *epiméleia heautoû* é uma atitude - para consigo, para com os outros, para com o mundo” (FOUCAULT, 2006, p. 14). Em segundo lugar, como um olhar atento “é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para ‘si mesmo’. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento” (FOUCAULT, 2006, p. 14). E, finalmente, também designa sempre algumas ações, “ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos” (FOUCAULT, 2006, p. 14-15).

Quando o sujeito desperta para o “cuidado de si”, ele é movido a olhar para si, para seu interior e conceber que está imerso nas relações que estabelece consigo mesmo e com os outros e, a partir daí, poder se modificar, transformar-se. Para conhecer e cuidar do outro é necessário cuidar de si mesmo como uma prática de vida, ter um cuidado com o corpo e com a mente no cotidiano, com atitudes de recolhimento em si.

Na Apologia de Sócrates, texto de Platão, Sócrates é concebido como aquele que incita as pessoas, jovens, velhos, os atenienses em geral, a se ocuparem consigo mesmos, atividade segundo a qual os deuses lhe tinham confiado e nesse ato “o cuidado de si” surge como um momento do despertar. Para Foucault (2006, p.

11), isso “situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira. [...] Sócrates é o homem do cuidado de si e assim permanecerá”.

Para Foucault (2006, p. 177), o sujeito desempenha o cuidado de si da seguinte maneira: “Tomando-se como objeto de seu cuidado, há que interrogar-se sobre o que ele é, sobre o que ele é e o que são as coisas que não são ele. Há que interrogar-se, enfim, sobre o que convém fazer ou não fazer”. No cuidado de si, o sujeito se volta às relações em que está inserido com a atenção redobrada para si mesmo.

Na antiguidade, o acesso à verdade ocorria por meio de vários exercícios considerados práticas do cuidado de si (práticas espirituais), que proporcionam uma transformação do próprio ser sujeito, transfigurando-o. Para transformar-se era necessário um trabalho sobre si, um cuidado do corpo e também da alma “alma-sujeito”, ter cuidado com a vida que se vive.

Assim, o “*epimelía heautoû*” constitui o que chamamos de espiritualidade na qual o aperfeiçoamento da alma modifica o ser do sujeito e o torna um outro de si, sendo movido a olhar para si e se ver em um movimento constante nas relações consigo mesmo, e com os outros para, assim, se modificar, se reconstruir.

O sujeito oriundo do cuidado de si apresenta-se como ético e seu agir é coerente com o discurso proferido. Podemos concatenar a prática da ética ao conceito de *parrhesía*, sendo que “Etimologicamente, *parrhesía* é o fato de tudo dizer (franqueza, abertura de coração, abertura de palavra, abertura de linguagem, liberdade de palavra). Os latinos traduzem geralmente *parrhesía* por *libertas*” (FOUCAULT, 2006, p. 440).

É preciso coragem para usar a franqueza com o outro e, principalmente, consigo mesmo. É uma decisão, uma escolha. Ao incitar os atenienses a cuidarem de si, Sócrates exerceu a *parrhesía*, na qual é essencial a presença do outro. O que a caracteriza é:

[...] que ela é essencialmente definida não tanto pelo próprio conteúdo - o conteúdo é evidente e está dado, é a verdade -; mas o que irá defini-la como uma prática específica, como uma prática particular do discurso verdadeiro? Pois bem, são as regras de prudência, as regras de habilidade, as condições que fazem com que se deva dizer a verdade em tal momento, sob tal forma, em tais condições, a tal indivíduo, na medida e somente na medida em que ele for capaz de recebê-la, de recebê-la da melhor forma no momento em que estiver. Neste sentido, o que define essencialmente as

regras da *parrhesía* é o *kairós*, a ocasião, ocasião que é exatamente a situação dos indivíduos em relação uns aos outros e o momento escolhido para dizer a verdade. É precisamente em função daquele a quem nos endereçamos e do momento em que a ele nos endereçamos que a *parrhesía* deve modalizar não o conteúdo do discurso verdadeiro, mas a forma com que este discurso é sustentado. (FOUCAULT, 2006, p. 463-464)

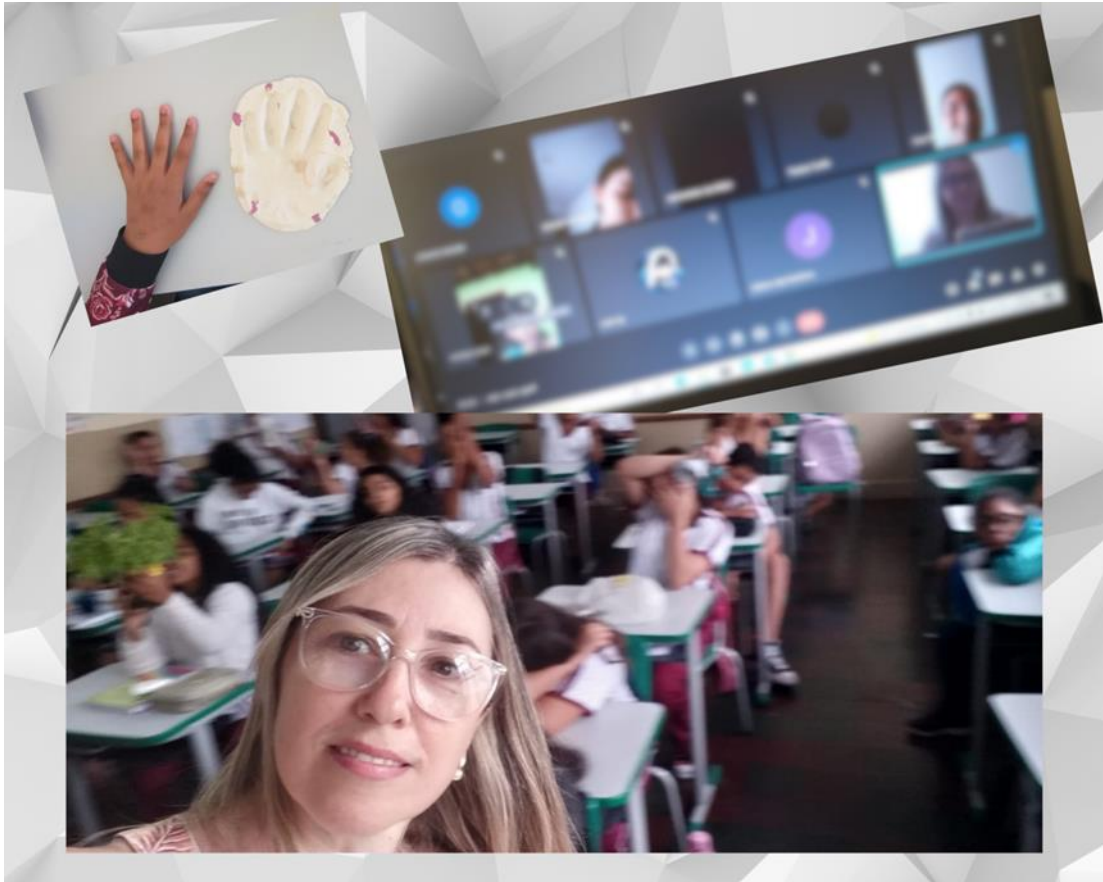
Tanto “o cuidado de si”, “o conhecer-te a ti mesmo” e a “*parrhesía*” são modos de existência de subjetividade livre que nos levam a assumir quem somos e quem nos tornamos. Não é possível esse cuidado de si sem a presença do outro e, por isso, Foucault traz o diálogo Socrático com Alcibíades, no qual há a presença de um mestre do cuidado.

Creio que temos aí (aquilo que, parece-me, devemos reter) o que define a posição do mestre na *epiméleia heautoû* (o cuidado de si). Pois o cuidado de si é, com efeito, algo que, como veremos, tem sempre necessidade de passar pela relação com um outro que é o mestre. Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si sem a presença de um mestre. Porém, o que define a posição do mestre é que ele cuida do cuidado que aquele que ele guia pode ter de si mesmo. (FOUCAULT, 2006, p. 73)

Nesse pensar, o professor ocupa uma posição significativa na vida do aluno e a escola pode se tornar um espaço de compreensão e construção de um sujeito livre. A partir do cuidado de si, ter acesso a si, pensar criticamente por/sobre si, identificar-se responsável pelo cuidado de si mesmo, responsável pelo tornar-se sujeito de si mesmo. O mestre é aquele que “no amor que tem pelo seu discípulo, encontra possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio” (FOUCAULT, 2006, p. 73).



Figura 14



Fonte: Autoria própria.

Para a formação de um sujeito independente, autêntico, livre e capaz de enfrentar as adversidades da vida, o professor pode proporcionar aos alunos atividades norteadas pela *parrhesía* e pelo cuidado de si. Dar atenção não apenas à apreensão dos conteúdos escolares, mas valorizar e aproximar conhecimento de vida do aluno ao contexto da aula. Evidenciar para o estudante que as experiências escolares estão intimamente ligadas ao nosso fazer-se no mundo, como nos relacionamos com os outros sujeitos, com a nossa subjetividade e com a vida em si. Para isso, é importante que o discurso do professor não seja artificial, fingido e dotado de retórica. “É preciso que seja um discurso tal que a subjetividade do discípulo possa dele apropriar-se e que, apropriando-se dele, o discípulo possa alcançar o objetivo que é o seu, a saber, ele próprio” (FOUCAULT, 2006, p. 442).

O cuidado de si nos propicia um modo de viver, no qual, assumimos o compromisso de cuidar das nossas relações, empreendendo atitudes para um conhecimento de si e do outro possibilitando criar e fortalecer os vínculos afetivos.

Essa tarefa se configura cada vez mais árdua numa sociedade onde para muitos os laços se dão em rede, o “ter” se tornou mais importante que o “ser” e a busca por prazeres momentâneos é a mais sedutora do momento. As próximas linhas trazem relatos do meu vivido enquanto professora, nos quais percebi o cuidado de si como potência para a adoção de uma prática docente amorosa.

## **4 DELINEANDO ENCONTROS DE COMPREENSÃO DO CUIDADO DE SI**

### **4.1 Narrativa I: Amor, uma construção cotidiana**

O ano iniciou tenso quando cheguei a uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental com 38 alunos, bem desinteressados, indisciplinados, alguns rebeldes e bem afinados em dar respostas grosseiras uns aos outros e aos professores. Reclamavam que ninguém gostava deles e, quando faziam as atividades propostas era um caos, pois lamentavam por não serem capazes de resolvê-las e que iriam esperar a resposta no quadro. Não conseguia manter um diálogo com eles sobre os conteúdos, devido a tantas conversas e brincadeiras grosseiras.

Foi um tempo difícil e, por mais que tentasse usar diferentes metodologias, nada dava certo. Ao ir para essa sala, fazia um trabalho mental e de respiração para conseguir resolver os conflitos sem pedir ajuda e, principalmente, ter paciência para mostrar o quanto eram importantes para mim. Não alterava o tom de voz, por isso, eles perguntavam como conseguia ficar calma, além de dizerem que se estivessem no meu lugar, os mandaria sair da sala. Sempre reforçava que não faria isso, que tinha preparado a aula para eles, esperando colaboração e participação. Mas não aprenderam praticamente nada dos conteúdos estudados. Faziam as atividades por obrigação, somente para terem nota e mudarem de série. Mantive minha postura carinhosa, porém ao sair da sala, me sentia fracassada.

Cheguei a pensar que carinho não funcionava com eles. Contudo, não conseguia agir de outra forma. Muitas vezes, ao chegar em casa, ficava horas pensando o que poderia fazer para conseguir, pelo menos, o respeito deles. Fazia minhas orações, o que me proporciona serenidade, paciência e sabedoria para entender que sou a adulta na relação, que minhas atitudes poderiam chegar ao coração de cada um e que, de repente, poderia provocar mudanças em seus comportamentos. Assim, caminhamos juntos. Havia dias que obtinha algum resultado; mas, em outros, não. Dessa forma, concluímos o ano letivo.

No ano seguinte, continuei com essa mesma turma. Quando cheguei na sala para a primeira aula, fui recebida com aplausos, muito diferente do ano anterior. Fiquei assustada ao perceber que já havia conquistado o afeto de alguns estudantes. Esse momento evidenciou o quanto o carinho, o cuidado, a gentileza e a paciência são fundamentais na relação professor/aluno. Continuei com a proposta

de trabalho baseada no carinho e no diálogo, tentando, em cada oportunidade, conquistar a confiança da turma. Aos poucos, conseguia conter os conflitos do meu jeito. Então, lancei a ideia de um trabalho em grupo, no qual receberiam ajuda em todas as etapas. Foi desanimador, porque alguns estudantes imediatamente disseram não à proposta; outros falaram que não conseguiam, que não tinham tempo, que eram burros. Enfim, surgiram inúmeras desculpas não aceitas por mim.

Passados uns dias, como não havia me manifestado sobre a proposta novamente, eles perguntaram se eu tinha desistido de dar o trabalho. Cheguei ao que queria: que eles sentissem, pelo menos, curiosidade acerca da atividade. Em comum acordo, dei sequência à proposta, solicitando que se organizassem em quatro grupos, dando-lhes liberdade para a escolha dos componentes de cada um deles, bem como dos temas que iríamos desenvolver dentro do cronograma de estudos. O tema escolhido foi prevenção ao uso de drogas.

A primeira parte do trabalho, em conjunto, consistia em fazer uma pesquisa sobre o assunto e, com um diálogo a partir dela, fizemos a divisão, especificando a tarefa de cada grupo. Dediquei-me exclusivamente durante um mês a cada grupo, usando uma aula das três que ministrava por semana.

A apresentação dos trabalhos ficou agendada para a última semana do primeiro semestre. Também solicitei que fizessem uma dinâmica, algo que eles quisessem para fechar a apresentação. Nessa parte não os ajudei, seria uma surpresa para os colegas e para mim. Muitos reclamaram, dizendo que não fariam porque não davam conta e, mesmo assim, fiquei firme, incentivei e me coloquei à disposição para o que precisassem.

Comecei do zero, orientei como fazer uma pesquisa, como dividir as responsabilidades no grupo e como apresentar um trabalho. Levei a turma ao laboratório de informática e ensinei-lhes a montar slides no *powerpoint* para facilitar a apresentação da pesquisa. Aceitaram a proposta; mas quando começamos a parte prática, as reclamações, a má vontade, o vitimismo por acharem difícil, e até a preguiça, apareceu. O grupo formado por meninos foi o que mais deu trabalho, falavam que eram homens e que não tinham criatividade para fazer nada e que queriam desistir. No final, foi o grupo que mais me surpreendeu.

Com persistência, e muita serenidade, os direcionei na concretização de cada etapa do trabalho. Contribuindo com os estudantes, organizei uma palestra num espaço fora da escola, num auditório público na Casa da Cultura, com um policial e

uma psicóloga. Em seguida, convidei cinco jovens que já tinham experienciado as drogas para um relato e diálogo com os alunos em sala de aula. Eles tiveram paciência para ouvir, foram cordiais, educados, participativos com perguntas, demonstrando generosidade, e empatia com os jovens que abriram seus corações para eles, o que ratifica o avanço positivo do comportamento da turma.

Fiquei animada, confiante e com expectativas a respeito da exposição dos trabalhos. O grande dia chegou! Foi gratificante ver o quanto eles se dedicaram e o resultado foi além do que eu esperava. Durante as apresentações fizeram silêncio, não houve nenhuma piadinha com o colega, mostraram-se benevolentes e admirados com o que viam e ouviam.

O grupo composto por meninos nos surpreendeu, pois todos os integrantes participaram, finalizando com uma paródia feita por eles, retratando a vida sem as drogas. A melhor parte é que não sabiam cantar, então, convidaram um colega de outra turma para tocar. Eles cantaram muito desafinados, mas estavam cheios de vaidade e empolgação por terem, pela primeira vez, participado e se empenhado na execução de um trabalho escolar.

Todos os grupos foram criativos. Um deles fez entrevistas com os familiares; o outro uma filmagem com um médico do postinho de saúde do bairro e o último fez uma brincadeira na sala imitando o jogo do milhão. Ao conversar com eles, mostrei o quanto tinham evoluído e que, para realizar qualquer coisa na vida, temos que acreditar em nós mesmos e, mediante as nossas ações, devemos buscar os meios para sua realização, não tendo vergonha de pedir ajuda. Expressei o quanto estava feliz e satisfeita com o empenho de cada um. Fizemos um lanche especial na aula seguinte em comemoração ao sucesso dos trabalhos. Eles ficaram orgulhosos de si e também felizes, foi um momento cheio de alegria e afetos.

Na primeira aula do segundo semestre disse a eles que faríamos um condensado dos trabalhos para apresentar na Feira de Ciências. Foi um alvoroço! Começaram a relatar os acontecimentos do ano anterior, por terem sido os únicos que não haviam apresentado trabalhos na Feira, que eram os rejeitados, que nenhum professor havia realizado nenhuma atividade com eles, porque não gostavam deles, que eram “burros”. Foi só desabafo! Ouvi calmamente e fui anotando tudo. Ao conversar com a turma, entendi o que havia acontecido.

Na escola a Feira de Ciências era responsabilidade dos professores da área das Ciências da Natureza e dos professores de matemática. Fazíamos a divisão das

tarefas e cada docente ficava com um número de turmas e desenvolvia os trabalhos diante dos temas escolhidos.

No ano anterior, o profissional que ficara responsável por desenvolver as tarefas com eles, fez a proposta das atividades, explicou, mas deixou por conta deles, que era para fazer em casa. Depois de ouvi-los, pedi a palavra e fui pontuando os motivos que, a meu ver, tinham contribuído para esse fato.

Senti-me frustrada com esse episódio por não ter feito nada, sendo que eu também era professora deles e apenas não tinha a incumbência de desenvolver as atividades com a turma. Enfim, eles concordaram em apresentar os trabalhos na Feira de Ciência e foi um sucesso; o que muito contribuiu para se sentirem motivados a planejarem para o ano seguinte, considerando que eu continuaria sendo professora deles.

No ano subsequente, continuei com essa turma e, desde o início do semestre, iam ao meu encontro em outras salas, carregavam meu material, demonstravam alegria em saber que era a aula de ciências. Percebi que falavam com prazer: “Agora é a aula da dona Silvani”, com imponência na fala, fazendo tudo o que era proposto em classe. Passei a ser tratada com carinho e respeito. Na primeira semana de aula procuraram o diretor e pediram para eu estar com eles nos trabalhos da Feira de Ciências, justificando que eu gostava deles.

Ficamos juntos por três anos consecutivos, o que me propiciou colher resultados da minha conduta. Não foi fácil, pois tudo me movimentou para desistir. Contudo, com perseverança, paciência, amor, carinho e empatia, foi possível a construção de uma relação de respeito e afetos, o que contribuiu para o interesse e a aprendizagem dos conteúdos estudados.

#### **4.2 Narrativa II: Entrelaçando o cuidado de si e o amor**

Há alguns anos, na medida do possível, planejo minhas aulas dando mais autonomia aos alunos. Nada é imposto. Pergunto se tem alguém que possa me ajudar e, no mesmo instante, já vejo muitas mãos levantadas. Alguns esticam tanto o braço, que me fazem rir. Assim, dou tarefas que vão ao encontro das habilidades a serem desenvolvidas e consolidadas. Valorizo a criatividade e a criticidade. Aos poucos, praticamente todos querem participar.

Tratarei aqui de uma turma do 7º ano destacando, em especial, o aluno o qual chamarei de Marcos. Ele era muito mimado, preguiçoso, reclamava de tudo, era respondão e mal-educado comigo, além de perturbar a aula, chamando a atenção dos colegas para outros assuntos. Ele não desenvolvia praticamente nenhuma das atividades propostas e estava repetindo a série.

As aulas, muitas vezes, ocorriam em meio ao caos, porque Marcos fazia de tudo para que eu perdesse o equilíbrio, a paciência. Inúmeras vezes me senti impotente, sem forças e confesso, pensei em sair da sala e não voltar mais. Como não tenho o hábito de desistir diante das dificuldades, refazia-me por meio das minhas orações, meditações e mantive minha postura amorosa. Tinha dias, que ao pensar em ir para essa sala desejava não encontrar Marcos, torcia para que ele faltasse à aula.

No primeiro bimestre, Marcos não realizou nenhuma das atividades propostas, ficando com desempenho insatisfatório. Sua mãe foi à escola, conversamos e logo percebi que o aluno tinha total poder sobre ela. Foi uma conversa difícil, mas deixei claro que o meu papel ali era ajudá-lo, cabendo a ele, o cumprimento das obrigações de estudante. Mesmo diante sua resistência sempre procurei me aproximar, dirigia-me a ele com palavras e atitudes de carinho, porém continuava a me ignorar. Os colegas diziam que eu tinha paciência demais e que ele não merecia ser tratado com carinho, pois sempre era estúpido comigo. Nesta oportunidade dialogava com todos sobre a importância da paciência e do tempo de cada um para entender os conflitos internos, falar sobre eles e buscar resolvê-los. A empatia sempre foi minha companheira!

No segundo bimestre, não houve nenhum avanço, tentei com ele outras formas para a realização das tarefas, mas ele não cumpriu nenhuma, ficando novamente de recuperação. Enviei as atividades desse recurso para casa, mas notei que foi a mãe que as fez, pois ao conversarmos, ele disse que não se importava com nada e que a mãe estava do seu lado. Foi outro baque.

Na reunião de pais, a mãe me procurou em particular, conversamos novamente, relatei que não concordava com a postura dela diante da minha tentativa de ajudar seu filho e a forma como ela agia com ele não estava colaborando, apenas reforçando uma conduta que não contribuía para o crescimento dele. Sou muito cuidadosa nessas conversas e, primeiro mostro as qualidades para, em seguida, relatar as dificuldades e/ou embates relacionais.

A mãe concordou, contudo, procurou a supervisora para trocá-lo de sala, relatando que ele estava tendo problemas somente comigo, que eu tinha marcado seu filho e que ele repetiria de série novamente. No entanto, eu era professora em todas as turmas de 7º ano. Diante disso, manifestou que iria mudá-lo de escola. A supervisora teve um longo diálogo com ela, que concordou que seu filho permanecesse na instituição.

No princípio do terceiro bimestre, já muito preocupada com o desempenho de Marcos, ao final de uma aula conversei com o estudante, em particular, a fim de entender o que estava acontecendo, o motivo de tanta rebeldia comigo. Ele concordou que seu comportamento era inoportuno e grosseiro, e se comprometeu em melhorar. Considero esse primeiro diálogo muito bom, pois durante uma semana ele fez todas as atividades propostas nas aulas e estava mais acessível. Entretanto, logo voltou a agir como antes.

Prosseguimos e mantive minha postura firme, evidenciando a importância do respeito e da responsabilidade em tudo na vida. Aos poucos, percebi que o aluno estava menos arisco quando me aproximava da sua carteira, já sorria para mim, um ótimo sinal de que alguma mudança estava acontecendo. Como era de se esperar, chegamos ao final do ano e lá estava ele novamente de recuperação. Estava na sala aplicando a avaliação para consolidação das habilidades, quando ele chegou, acompanhado da mãe. Entrou e sentou-se.

Eu estava na porta da sala quando recebi de sua mãe o trabalho que ele havia feito em casa. Ao folheá-lo, percebi que a letra era novamente da mãe e havia várias questões em branco. Pedi a uma professora que ficasse na sala para mim e fui atrás da mãe, abordando-a no portão da escola. Mostrei a ela que estava ciente que as atividades tinham sido feitas por ela e estava incompleto. Sugeri que ajudasse o filho a concluí-las. Ela adentrou a escola, não disse uma palavra comigo, aguardou o filho no pátio e passou a tarde com ele na instituição ajudando-o no término do trabalho. Ao entregá-lo à supervisora, fez todas as reclamações possíveis a meu respeito. Diante do questionamento da supervisora, deixei claro minha tranquilidade em relação às posturas que havia tido com Marcos, sempre mantive o cuidado de não o expor aos colegas, pois meu objetivo era ajudá-lo. Ao corrigir o trabalho e a prova, a nota adquirida foi suficiente para sua matrícula no 8º ano do Ensino Fundamental.



No ano seguinte, durante a distribuição das aulas, optei por não continuar com essa turma devido à presença de Marcos. Porém, fiquei pensativa e incomodada com minha atitude, pois tinha um ótimo relacionamento com os outros alunos e não era justo com a gente caminhar separados por causa de um aluno. Havia na minha cabeça uma voz dizendo fica com a turma e outra voz relutante no não. Quem nunca passou por isso? Meu coração estava acelerado, sentia como se algo estivesse apertando meu cérebro, tinha que dar o veredito naquele momento. Enchi-me de coragem e decidi continuar. Naquele momento, segui meu coração diante desse desejo, mas as lembranças passadas abriram espaço para um medo arrebatador. Enfim, decisão tomada, o recurso foi um trabalho voltado ao meu interior durante as férias. Com orações, meditações foi possível me tranquilizar e me sentir preparada para um novo trabalho com Marcos na esperança de conseguir ter um bom relacionamento com ele.

Para minha surpresa, logo no primeiro dia de aula da turma, Marcos me chamou e mostrou-me seu caderno de ciências. Na primeira folha tinha um título muito bonito! Elogiei o caderno, disse que estava feliz e logo ele prometeu que aquele ano seria diferente, que iria participar de tudo. O acolhi de forma carinhosa e disse-lhe estar à disposição para ajudá-lo sempre e que bastava pedir.

Foi um ano de vitórias com Marcos, pois a cada dia ele se mostrava carinhoso comigo e com os demais na sala, participava das aulas, realizava todas as atividades, aceitava ajuda dos colegas. Aprecio muito trabalhos em grupo e durante aquele ano ele participou de todos. O último, no final do ano, cujo tema era a circulação humana, foi incrível porque o garoto fez um experimento mostrando a circulação do sangue e deu um show na explicação. Os colegas do grupo diziam, antes da apresentação, que eu teria uma surpresa maravilhosa. E foi o que ocorreu. Quando terminou, todos o aplaudiram de pé e começaram a falar: “Dona Silvani, ele merece nota máxima!”

Fiz todos os elogios e considerações pertinentes naquele momento. Ele tremia de nervoso e emoção! Ver a satisfação e alegria no rosto dele me fez pensar o quanto minha conduta amorosa valeu a pena! Reforcei a importância de nunca desistirmos e, diante de tantas emoções, as lágrimas surgiram. Chorei e fiz muitos chorarem.

No ano seguinte, não teve como continuar com eles. Seguimos uma ordem na escolha das aulas e um colega ficou com a turma. Na primeira semana de aula,

quando Marcos percebeu que havia mudado a professora de ciências, me abordou no corredor querendo saber o motivo de não estar com eles. Expliquei e, diante do exposto, ele ficou triste e disse: “Agora que eu gosto de ciências, muda a professora”. O animei dizendo que a outra profissional era excelente, que ele continuaria gostando da disciplina e que eu continuaria à disposição para auxiliá-lo.

Era raro um dia no qual ele não me visitava em alguma sala. Quando lecionava no primeiro horário, tinha que estar atenta, porque ele entrava e sentava-se, como se fosse aluno da turma. Tinha que pedir para ele sair.

Na festa junina da escola, a mãe dele veio conversar comigo e disse que ele gostava muito de mim e que eu tinha razão em tudo que havia dito a ela. Penso que agir cotidianamente com amor e carinho talvez seja o caminho mais difícil por exigir muito da nossa empatia, porém acredito que somente pela via amorosa teremos acesso verdadeiro às pessoas.

## 5 O CUIDADO DE SI COMO GUIA PARA O AMOR

Ao narrar minhas experiências revelei muitas das inquietações do meu vivido principalmente no meu fazer docente. Em tempos de uma cultura consumista, na qual vivemos sobrecarregados de afazeres, bombardeados com inúmeras distrações com simples acesso pelo celular e com as relações praticamente acontecendo em rede, criar e fortalecer vínculos amorosos, ter uma convivência na qual as dimensões do amor nos conduzam a uma ética amorosa parece difícil de acontecer.

As pessoas estão mais individualistas, egoístas, intolerantes, carentes de amor-próprio e movidas pelos desejos instantâneos. Nessa realidade, para o professor ter a atenção do aluno para o que é proposto em sala de aula é imprescindível muita sutileza, empenho, dedicação, responsabilidade, e a meu ver, uma prática amorosa.

A prática do amor exige tempo. Sem dúvida, a maneira como trabalhamos nesta sociedade deixa os indivíduos com tão pouco tempo que, quando não estamos trabalhando, estamos física ou emocionalmente cansados para trabalhar a arte de amar. (HOOKS, 2021, p. 194)

É difícil para o professor diante de atitudes desrespeitosas e grosseiras por parte dos alunos, revidar com amor e cuidado. Tão pouco, quando acreditamos contar com o apoio da família para tentar resolver o mau comportamento dos filhos e isso não acontece. Essas atitudes vão ao encontro do cuidado de si, o qual merece um lugar de destaque na minha compreensão do que me move na vida. Meu modo de agir nas diferentes situações, minhas fragilidades, medos, inseguranças, meus pontos fortes, como a persistência, a paciência e a empatia. Minha atuação como professora e educadora revela as escolhas que faço também na vida. A sala de aula é um universo de relações, um ponto de encontro com a diversidade cultural, étnico-racial, religiosa e social com sujeitos que tanto tem a aprender e a ensinar. É um espaço propício para, a partir do cuidado de si construir e fortalecer os laços amorosos.

O cuidado de si precisa ser entendido não como uma teoria, mas como um modo de vida que nos conduz a uma subjetividade livre, autêntica e nos interliga ao amor. Só quem é emancipado é capaz de olhar para si, se amar, se autocriticar e assumir a perspectiva do que se é, e do que se pode tornar-se; é um instrumento de

transformação e reconstrução de si. Ele nos protege do egoísmo, da cólera, do individualismo, dos excessos e das imposições de outros sujeitos, pois nos permite sermos quem somos por um trabalho sobre si. Permite-nos respeitar a singularidade de cada um e a fala ser compatível com as atitudes. “Esse movimento de reconstrução do sujeito da verdade podemos chamar de movimento do *éros (amor)*” (FOUCAULT, 2006, p. 20).

O professor a partir do cuidado de si é sensível a conhecer as condições de vida de seu aluno, quais os valores que nela estão sendo cultivados, e assim promover práticas que viabilizam conhecer e cultivar aqueles que os direcionam ao amor. Assim, “precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor - partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor” (HOOKS, 2021, p. 56). Enaltecendo a importância do amor como uma força transformadora do sujeito é preciso entender o significado da palavra amor e assim trilhar o mapa que nos guia para o nosso coração.

O amor é uma ação, uma emoção participativa. Quando nos engajamos num processo de amor-próprio ou de amar os outros, devemos nos mover além do reino do sentimento para tornar o amor real. É por isso que é útil ver o amor como uma prática. Quando agimos, não precisamos nos sentir inadequados ou impotentes; podemos confiar que existem passos concretos para trilhar o caminho do amor. Aprendemos a nos comunicar, a nos aquietar e a ouvir as necessidades de nossos corações, e aprendemos a ouvir os outros. Aprendemos compaixão ao estarmos dispostos a ouvir a dor, assim como a alegria, daqueles que amamos. O caminho para o amor não é árduo ou oculto, mas precisamos escolher dar o primeiro passo. Se não conhecemos o caminho, sempre há um espírito amoroso com uma mente aberta e iluminada, capaz de nos mostrar como pegar a trilha que leva ao coração do amor, o caminho que nos leva de volta ao amor. (HOOKS, 2021, p. 197)

O cuidado de si me permitiu um movimento no campo amoroso ao qual fui exposta desde criança. Nos meus relatos entrei em territórios experienciados nos quais o cuidado de si me potencializou para não desistir diante dos obstáculos principalmente como professora e sempre escolher a docência amorosa<sup>12</sup>. Os desafios impostos pela sociedade contemporânea são vividos na escola. As relações estão carentes de amor e de cuidado. Compreendo que só atuamos nas brechas e as dificuldades que presencio em sala de aula são comuns aos meus colegas de profissão. Desse modo quando adentramos na dinâmica do cuidado de

---

<sup>12</sup> Informação disponível em: <https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/politica-de-privacidade/story/11086-professoras-do-ensino-medio-da-rede-publica-estadual-de-minas-gerais-contam-como-a-dedicacao-a-educacao-motivou-as-carreiras>. Acesso em: 23 maio 2022.

si, apresentamos a nós mesmos e aos outros um modo de vida no qual o amor aprimora o nosso processo de construção como humanos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOFF, Leonardo. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo; ARAÚJO, Mairce da Silva. Sobre pesquisa formação, itinerários e diálogos. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, p. 1-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/edu.2021.251.37>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/22262>. Acesso em: 19 mar. 2023.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-279-3>

FERREIRA, Antônio Gomes. **Dicionário de latim-português**. Porto: Porto, [s. d.].

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (v. 5).

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: Novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. São Paulo: Elefante editora, 2021.